

IDEYLSON DA SILVA VIEIRA DOS ANJOS

**INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE INTELIGÊNCIA
COLETIVA DE PIERRE LÉVY**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CURSO DE FILOSOFIA
CAMPO GRANDE/MS
2006**

**INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE INTELIGÊNCIA
COLETIVA DE PIERRE LÉVY**

IDEYLSON DA SILVA VIEIRA DOS ANJOS

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE INTELIGÊNCIA COLETIVA DE PIERRE LÉVY

Monografia apresentada como exigência final para obtenção do título de Licenciado em Filosofia, à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco, sob orientação do Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
CURSO DE FILOSOFIA
CAMPO GRANDE/MS
2006**

BANCA EXAMINADORA

Orientador – Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel

Co-Orientador – Prof. Ms. Jacir Alfonso Zanatta

Examinadora – Prof. Ms. Cláudia Durand Zwarg

“Seres humanos, pessoas daqui e de toda parte, vocês que são arrastados no grande movimento da desterritorialização, vocês que são enxertados no hipercorpo da humanidade e cuja pulsação ecoa as gigantescas pulsações deste hipercorpo, vocês que pensam reunidos e dispersos entre o hipercórtex das nações, vocês que vivem capturados, esquartejados, nesse imerso acontecimento do mundo que não

cessa de voltar a si e de recriar-se, vocês que são pegos nesse enorme salto que nossa espécie efetua em direção à nascente do fluxo do ser, sim, no núcleo mesmo desse estranho turbilhão, vocês estão em sua casa. Bem-vindos à nova morada do gênero humano”.

(Pierre Lévy, 1956 -)

Com carinho:

A todos os meus familiares, irmãos salesianos, amigos e a todos os apaixonados pela vida e pela sabedoria.

Com esperança:

A todos os futuros estudiosos que, com o auxílio das tecnologias de comunicações se comprometerão com a busca da sabedoria para o desenvolvimento da vida do Ser Humano.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e incentivador do saber Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel pela sua motivação e incentivo, sem os quais não haveria espírito para realizar esta monografia.

Ao Prof. Ms. Jacir Alfonso Zanatta pela confiança amiga nos empréstimos das obras necessárias para iniciar-me no campo das novas tecnologias de comunicação, sem as quais, as dificuldades seriam maiores, e pelas ricas colaborações críticas e sinceras no incentivo à construção de um trabalho filosófico de qualidade.

À Prof^a. Ms. Cláudia Durand Zwarg pela partilha fraterna e significativa de seu saber e de sua experiência no mundo de Pierre Lévy, que me dava segurança para continuar os estudos.

Aos meus grandes professores do curso de Filosofia que durante três anos se dedicaram em me incentivar intelectualmente ao compromisso e à missão de buscar a verdade e a significação da vida.

Ao meu diretor Pe. Hermenegildo Conceição e todos os meus formadores por viabilizarem os meios materiais e espirituais necessários para a construção desta monografia.

Aos meus irmãos salesianos de turma, que unidos cotidianamente na mesma jornada, me apoiaram e me motivaram nessa caminhada.

Aos meus irmãos salesianos da comunidade Paulo VI, pela compreensão e apoio, especialmente àqueles que, gentilmente, fizeram preciosas observações na revisão textual.

A todas as pessoas que de alguma forma, material ou espiritualmente, me ajudaram finalizar este trabalho.

A Deus por me conceder a oportunidade de viver, de ser salesiano, de estudar filosofia e de realizar essa monografia.

ANJOS, Ideylson da S. Vieira. *Introdução ao pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy*. Monografia como trabalho de conclusão de curso. UCDB. Campo Grande, 2006.

RESUMO

Pierre Lévy é um dos mais influentes filósofos da atualidade que trabalha a questão da cibercultura e da inteligência coletiva. É um otimista das novas tecnologias de comunicação e acredita que a humanidade, pelo fenômeno da popularização da Internet, caminha para a construção de um novo espaço antropológico, o espaço do saber, no qual todos os seres humanos estarão interligados em tempo real pela Internet. Neste espaço, a inteligência, entendida como dimensão que constitui o ser humano, será o centro das relações. Com pretensão universal, mas não totalitária, a Internet é a nova escrita, a qual possibilita uma interligação dos seres humanos e de seus conhecimentos. Assim nasce o pensamento da inteligência coletiva de Pierre Lévy que se fundamenta no reconhecimento de que, cada ser humano sabe alguma coisa, mas ninguém sabe de tudo, e ao mesmo tempo, todo o conhecimento está presente na humanidade. Por isso, a inteligência coletiva é uma inteligência de liberdade, de não totalitarismo, que valoriza cada ser humano e compreende em si os saberes de todos, em busca de uma aproximação do saber absoluto, para a partir daí tentar resolver melhor os problemas da humanidade.

Palavras-chave: *Pierre Lévy. Inteligência coletiva. Espaço antropológico. Espaço do saber.*

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO 09

I. PIERRE LÉVY E A INTELIGÊNCIA COLETIVA

1. CONHECENDO PIERRE LÉVY 16

2. INTELIGÊNCIA COLETIVA 30

II. ESPAÇO ANTROPOLÓGICO

3. O QUE É UM ESPAÇO ANTROPOLÓGICO? 44

4. TERRA 47

5. TERRITÓRIO..... 54

6. MERCADORIAS..... 61

7. ESPAÇO DO SABER..... 72

CONSIDERAÇÕES FINAIS 89

ANEXOS..... 94

REFERÊNCIAS 99

INTRODUÇÃO

De acordo com Pierre Lévy (2001, DVD), é inconcebível negar que o mundo está na era das telecomunicações. Basta olhar a maneira como ele se relaciona, como move a sua economia, sua política, sua sabedoria, para ver que em tudo os processos técnicos de telecomunicação estão se adentrando. Não obstante, as telecomunicações, são indispensáveis na maioria das atuais áreas de trabalho e principalmente nas instituições educacionais, pois esta técnica já se constitui como um elemento essencial na construção de conhecimentos e vem mudando completamente a maneira das pessoas pensarem, de se comunicarem, de conviverem uns com os outros e com o mundo.

O mundo se encontra em uma acelerada evolução das telecomunicações e para ver, é só observar os aparelhos telefônicos, os celulares, os computadores, e notar que eles estão, em alta velocidade, cada vez mais sofisticados e possuem variadas funções que visam facilitar a vida das pessoas. Para Pierre Lévy, essas tecnologias estão causando uma transformação no mundo humano e, por isso, a técnica é hoje um dos temas mais importantes para se trabalhar no campo filosófico.

Percebe-se que, o que se passa hoje, é a vivência de uma verdadeira revolução tecno-antropológica, a qual, pela técnica, atinge com velocidade todas as dimensões do mundo humano (social, política, econômica, intelectual, espiritual...). Pelo sistema técnico de universalização, chamado Internet, se constrói uma rede mundial, na qual todos estão interligados num mesmo espaço – o ciberespaço e

num mesmo tempo presente, onde há contatos de um para com cada um, de um para com todos, e de todos para com todos que estão conectados. Com isso, a noção de espaço e tempo, que até então só fora mudada no nascimento da escrita, se vê, hoje, totalmente transformada devido ao surgimento desse novo sistema que unifica o mundo em tempo presente e indeterminado. Movimentar-se já não é mais deslocar de um ponto a outro na superfície terrestre, mas sim, atravessar universos de problemas, mundos vividos, diferentes sentidos que exploram o espaço interior da intersubjetividade. Eis a atual revolução na qual estamos às sombras.

Como se vê, a humanidade está na era das telecomunicações, porém, segundo Lévy (1999), está passando despercebida a grandeza dessa nova realidade, e isso faz desconhecer totalmente os benefícios que essa revolução pode vir a nos oferecer, principalmente no campo do conhecimento. A Internet, por exemplo, é utilizada pela maior parte das pessoas somente como um instrumento de transmissão e não como uma metodologia de construção de conhecimentos.

Segundo Pierre Lévy (1993), devido ao não conhecimento do momento em que se vive, diante das velozes mudanças e inúmeras interrogações de incertezas, muitas pessoas, preferem abraçar as críticas sobre a técnica, nascidas do medo e da ignorância, que investir em estudos para conhecer o que se passa.

O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto que as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida. Alguém que condena a informática não pensaria nunca em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isso, porque a impressão e a escrita (que são técnicas!) *o constituem* em demasia para que ele pense em apontá-las como estrangeiras. Não percebe que sua maneira de pensar, de comunicar-se com seus semelhantes, e mesmo de acreditar em Deus são condicionadas por processos materiais (LÉVY, 1993, p. 15).

Por isso, diante desse contexto de revolução e indeterminação, de novidade e da incerteza, de mudança e de medo, se julga de suma importância elaborar estudos, principalmente filosóficos, que visam o entendimento e o esclarecimento, do atual momento, para a partir daí, nele se posicionar e até propor um rumo para a humanidade caminhar. É nessa ótica que o presente estudo tenta ser significativo, pois se dedica em analisar de maneira introdutória o pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy é acreditar que por meio da informática, há a possibilidade de uma nova maneira de construir conhecimento. Esse conhecimento produzido pela inteligência coletiva não é somente um conhecimento, mas é, na verdade, um reconhecimento das competências pessoais de cada indivíduo, isso quer dizer, é a possibilidade de um novo sistema de validação de competências pessoais, enfim, é a construção de um novo humanismo. Esta é a proposta que este estudo vem trazer.

A proposta de uma inteligência coletiva apresentada por Pierre Lévy, não é aplicada somente na dimensão do conhecimento, mas também atinge fortemente o campo político-social e o econômico. Porém, o presente trabalho se delimita na proposta de introduzir somente o campo do conhecimento, isto é, na nova maneira de construir o conhecimento. Esta escolha não é do autor deste trabalho, mas sim de Pierre Lévy (2001, DVD), o autor do pensamento, pois para ele, o que mais importa e precisa ser valorizada é a dimensão de uma nova maneira de saber, porque é o saber que será o centro do novo espaço antropológico que a humanidade está iniciando, o espaço do Saber.

Com a pretensão de assemelhar-se às obras de Pierre Lévy e apresentar minuciosamente o tema proposto, o presente trabalho, se divide metodologicamente em duas grandes partes, as quais se dividem em capítulos e sub-capítulos

correntes. A primeira parte, chamada *PIERRE LÉVY E A INTELIGÊNCIA COLETIVA*, vem contextualizar a vida e o pensamento do autor e adentrar no tema da inteligência coletiva. Para isso, a primeira parte é composta por dois capítulos.

O primeiro capítulo pretende responder o problema sobre *o que levaria um filósofo a dedicar sua vida ao estudo da tecnologia enquanto ao mesmo tempo muitos se dedicam somente a destruí-la?* Para atingir esse objetivo, o capítulo apresenta por meio de uma síntese biobibliográfica, quem é Pierre Lévy, quais são e sobre o que tratam suas obras. Esse capítulo ressalta o otimismo e a ousadia de Pierre Lévy, um autor que não se intimida diante do novo, mas se dedica a conhecê-lo, não se rebaixa diante das críticas, mas as utiliza para fortificar e fundamentar seu pensamento, não se acha o prepotente, mas põem em cheque os que buscam a prepotência. Aqui, Lévy é apresentado como um ser humano otimista, no sentido etimológico da palavra, como aquele que se compromete e se coloca na tentativa de ajudar a melhorar o mundo onde se vive.

O segundo capítulo, ainda na primeira parte, se propõe a tratar detalhadamente o pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy, seu significado e sua fundamentação filosófica. Esse capítulo é a chave do trabalho, ele é uma verdadeira descrição, passo a passo, do que significa inteligência coletiva em Pierre Lévy.

A segunda parte deste trabalho, intitulada *ESPAÇO ANTROPOLÓGICO*, tem como fim principal apresentar o ambiente no qual vive e se desenvolve a inteligência coletiva de Pierre Lévy. Nesse capítulo, espaço antropológico é o espaço criado pela relação entre pessoas. Para Lévy (1999), a humanidade vive fortemente, a presença de três grandes espaços antropológicos: Terra (capítulo quatro), Território (capítulo cinco), Mercadorias (capítulo seis) e agora está em

construção de um quarto (capítulo sete), o qual Pierre Lévy denomina espaço do Saber. Os quatro espaços antropológicos, nos quais a humanidade vive, são apresentados de maneira objetiva, tendo obviamente um maior destaque na constituição do quarto espaço antropológico, no qual, segundo Lévy, se constrói a inteligência coletiva.

Em suma, o presente trabalho se desenvolve por meio da técnica de revisão bibliográfica, atendendo às etapas de leitura, análise, compreensão, explicação, exposição e definição das noções e conceitos relativos à inteligência coletiva no pensamento de Pierre Lévy. O âmbito da pesquisa é formado, principalmente, pelos textos de Pierre Lévy – tendo como texto base a obra *A inteligência coletiva* na qual o próprio autor apresenta seu pensamento – e escritos de autores relacionados aos conceitos que se referem aos fundamentos do pensamento de Lévy.

I. PIERRE LÉVY E A INTELIGÊNCIA COLETIVA

1. CONHECENDO PIERRE LÉVY

Pierre Lévy é um dos mais influentes filósofos da atualidade que trabalha com a cibercultura e a inteligência coletiva (LÉVY, 2005, DVD). É um dos principais defensores das novas tecnologias de informação, dos computadores e em particular da Internet, vista como instrumento de ampliação do conhecimento humano (PRADO, 2006). Pierre Lévy, se auto intitula de “engenheiro do conhecimento”, aquele que vê na técnica de comunicação a possibilidade da construção revolucionária de um novo pensamento, de uma nova inteligência (PELLANDA, 2006). Porém, o que não se pode perder de foco, é que a centralidade do pensamento de Pierre Lévy é o ser humano, e o que Lévy realça é que a técnica vem ajudá-lo no seu desenvolvimento.

O pensamento e visão de mundo de Pierre Lévy, são motivados pela concepção filosófica do jesuíta e paleontólogo francês Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955). Esse filósofo e teólogo, defende a tese de que a humanidade caminha no sentido de uma evolução universal, num caminho de ascensão, vencendo obstáculos e superando barreiras (PINTO, 2006). Lévy acredita e faz vivo o pensamento que há 50 anos Chardin sonhava:

Ninguém pode negar que uma rede [...] de filiações econômicas e psíquicas está sendo tecida numa velocidade que aumenta sempre, que abraça e constantemente penetra cada vez mais fundo em nós. A cada dia que passa, torna-se um pouco mais impossível para nós agir ou pensar de forma que não seja coletiva [...] Nós chegaremos ao princípio de uma nova era. A Terra ganha uma nova pele. Melhor ainda, encontra sua alma (CHARDIN, 1947, apud: ZWARG, 2005, p. 12).

Lévy é verdadeiramente um grande otimista dos efeitos das novas tecnologias de informação, especialmente da Internet, e por isso, tem bem claro o conceito de otimismo como sendo uma atitude de uma enorme exigência, bem mais que o pessimismo (LÉVY, 2001).

Segundo a especialista e grande admiradora do pensamento de Pierre Lévy, Cláudia Zwarg (2005), devido a esse otimismo, em relação aos efeitos das novas tecnologias, Lévy se torna um alvo fácil para as críticas. Sobre isso, Pellanda (2000, p. 09), afirma que Lévy “para os conservadores, é um fantasma indesejado e temido”. Para F. Rüdiger, teórico e crítico da cibercultura, Pierre Lévy não passa de “um ingênuo otimista por assumir as pretensas benesses do progresso tecnológico como suporte para uma fé cega nos destinos próspero dos seres humanos” (RÜDIGER, apud ZWARG, 2005, p. 18). Agora, para Paul Virilio, este considerado um dos maiores críticos de Pierre Lévy, atribui a Lévy o papel de “guru da Internet”, pelo fato de que, para Virilio, Lévy tem permitido “arrastar para o terreno do delírio,

um delírio de interpretação nefasto a respeito da cibernética e temas adjacentes” (VIRÍLIO, apud ZWARG, 2005, p. 12).

O interessante da questão é que em nenhum momento, Pierre Lévy se desanima diante das críticas, aliás, se anima cada vez mais, pelo fato de ter a possibilidade de exercer sua responsabilidade e compromisso de cooperar com a humanidade em sua posição de vivência e entendimento diante do atual processo de desenvolvimento humano. Sendo assim, diante da atual dinâmica de novos desenvolvimentos humanos, considerada também como evolução da técnica de virtualização, Lévy (1996, p. 12) recomenda a toda a humanidade, e em especial aos seus críticos, que: “antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a elas, proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda a sua amplitude”. Para ele, isto é o que ainda falta, principalmente, para seus críticos.

Lévy (2000), afirma que a grande maioria desses intelectuais que tanto o criticam, são uma casta de homens cultos que detinham em si, o monopólio do saber e do conhecimento, mas, que ainda não se deram conta de que estão perdendo os seus poderes para a coletividade presente na Internet, e por isso criticam tanto, isto é, eles estão perdendo o privilégio da transmissão do conhecimento, e isso se dá, por nada conhecerem do mundo virtual. Segundo Lévy (2000), “Virilio nunca viu um correio eletrônico na vida! Suas críticas são críticas de quem está apavorado com a nova realidade. É essa liberdade que intelectuais como Virilio identificam com a barbárie e não podem tolerar”.

Como se vê, a ousadia é uma das características principais de Pierre Lévy que, diante de todo esse contexto de medo, omissão e crítica às tecnologias, levanta a voz ao mundo e afirma:

Sim eu sou otimista [...] Ser otimista é dar-se conta de que temos a possibilidade de escolher e que, portanto somos responsáveis. É dar-se conta de que não devemos colocar a responsabilidade sobre o que nos é externo, sobre bodes-expiatórios, em pessoas que queremos acusar. Ser otimista é dar-se conta que nós contribuimos para construir o mundo em que vivemos. E o que iremos escolher? O pior? Não! Vamos escolher o melhor. Eis porque sou otimista (LÉVY, 2001).

Tudo isso, já é o suficiente para compreender que Pierre Lévy é um filósofo vivo, instigante, atraente, corajoso, ousado e otimista do mais atual sistema de informação, o ciberespaço, a cibercultura, a inteligência coletiva.

1.1 UM POUCO DA VIDA DE PIERRE LÉVY

Para conhecer um pouco da vida de Pierre Lévy e entender as suas brilhantes navegações, escolhas, decisões, paixões, como também, dedicação e motivação à vida, é necessário, primeiramente, conhecer o que ele mesmo diz a respeito de sua própria vida, de sua própria identidade.

“Sou judeu (de nascimento e de tradição espiritual), budista (por meditação), tunisiano (de nascença e por uma parte de minha cultura musical, gastronômica, etc.), francês (de língua e educação escolar), europeu (pelo ideal de uma entidade política supranacional pacifista e multicultural), quebequense (pela escolha de uma participação na América francófona), canadense (imigrante ao Canadá, amante dos lagos e florestas), brasileiro (por gosto), filósofo (por vocação), professor (por ambientação), e assim sucessivamente” (LÉVY, apud: ZWARG, 2005, p. 10).

A vida de Lévy ainda está em curso e muitas experiências haverão de ocorrer, porém, o que se consta até hoje é que Pierre Lévy nasceu numa família judia em 02 de julho de 1956 em Tunis, capital da Tunísia, que naquela época era

colônia francesa (CAOSMOSE.NET, 2006). Desde pequeno Pierre Lévy começou a se interessar pela questão do pensamento humano. Quando tinha por volta de 10 anos, Lévy afirma que começou a ler livros sobre a cibernética e sobre o que se chamava naquela época, de cérebro eletrônico, pois, queria saber como era possível máquinas ter pensamento (LÉVY, 2001).

Em torno dos 17 anos, Pierre Lévy teve o seu primeiro contato com o computador. Prestava o serviço militar e era responsável de alimentar os computadores do Exército com cartões de identificação. Afirma Lévy, que naquela época os computadores não tinham nem tela, nem teclado (LÉVY, 2003).

Com o passar do tempo, diferentemente do que se sentia atraído desde criança, Pierre Lévy, no final da década de 70, se graduou em História e Geografia. Não era o que queria quando pequeno, mas foi nesses cursos, e especificamente nas aulas de metodologia da pesquisa histórica e de cartografia, que Lévy afirma ter aprendido a utilizar o computador, pois, segundo Lévy, a máquina mudava a maneira de fazer pesquisa e isso “transformava a maneira de pensar do pesquisador”. Nessa época, Pierre Lévy encarava o computador como uma inteligência artificial, como uma máquina que pensava como os humanos, pensamento este, que futuramente vem combater (LÉVY, 2001).

Ainda no final dos anos 70, antes mesmo de se falar em Internet, foi publicado na França um relatório oficial chamado Nora-Menk. Era um prospecto sobre a informatização da sociedade por meio de instalação em rede dos computadores via sistema telefônico, era como que os primórdios da Internet. E, segundo Pierre Lévy, foi lendo esse relatório que ele se dedicou a investir seus estudos na área das técnicas da informação. Dizia: “É em cima disso que precisamos trabalhar” (LÉVY, 2001).

Seguidamente, em 1980, empolgado com a técnica da informação que vinha transformando a maneira se comunicar, de pensar e memorizar das pessoas, Pierre Lévy fez seu mestrado em História das Ciências na Universidade de Sorbonne em Paris. E foi justamente nesse período que Lévy, freqüentando as aulas de seu mestre Michel Serres, descobre sua vocação de pesquisador. Conseqüentemente, os estudos de Pierre Lévy começam a chamar a atenção e seu nome começa a se popularizar (TORRES, 2006).

Segundo Fernando Torres (2006), em 1983, Pierre Lévy, também na Sorbonne, se doutorou em Sociologia e Ciência da Informação e da Comunicação. Lévy, em seus dois anos seguintes (1984 e 1985), trabalhou na Escola Politécnica onde seus estudos embarcaram a temática da cibernética e inteligência artificial.

Pierre Lévy sempre manteve contato com seu mestre e motivador Michel Serres, chegando a participar da redação da obra *Elementos de história das ciências*, publicada por Serres em 1989, onde assina o capítulo sobre a história do computador. Mas, antes, em 1987, Lévy publica sua primeira obra chamada *A máquina universo*, a qual trata das “implicações culturais da informatização e suas raízes na história do ocidente” (CAOSMOSE.NET, 2006).

Ainda em 1987, Pierre Lévy é convidado a ser professor do departamento de comunicação da Universidade de Quebec, em Montreal, no Canadá. Lá, durante dois anos (1987-1989), Lévy lecionou sobre a utilidade dos computadores no processo da comunicação, aprimorou seus estudos em ciências cognitivas, fundamentou filosoficamente o conceito de hipertexto e elaborou um programa chamado ‘ecologia cognitiva’. Em 1990, segundo Fernando torres (2006), Lévy volta à França, mas o seu estudo realizado no Canadá, teve como fruto a sua segunda obra *As Tecnologias da Inteligência*, publicada na França ainda em 1990.

Neste mesmo ano, 1990, Pierre Lévy torna-se professor de Ciências Educacionais na Universidade de Paris X – Nanterre, onde lecionou até 1992. Paralelo a esse trabalho, Lévy desenvolve pesquisas, sobre a conexão em rede do conhecimento e a economia do saber, no centro europeu Neuropo Laboratório em Genebra na Suíça, instituto que ajudou a fundar. Lá, trabalha com diversos cientistas. Em 1991 Pierre Lévy termina seu Pós-doutorado em Ciência da informação e da comunicação na Grenoble, França (PLANETWORK, 2006). Em 1992, com o incentivo do amigo Genebrês, o matemático Xavier Comtesse, Pierre Lévy publica sua terceira obra chamada *A Ideografia dinâmica*. Esta obra traz a proposta de uma nova forma de escrita, a qual se apresentaria por meio de ícones e seria interativa na rede de computadores (CAOSMOSE.NET, 2006).

No Laboratório Neuropo, juntamente com seu amigo Michel Authier e equipe, Lévy efetua, de 1991 a 1995, diversas investigações e reflexões sobre as novas formas de acesso ao saber, permitidas pelos instrumentos numéricos, o computador. Em 1992, depois de publicar *A ideografia dinâmica*, Pierre Lévy, com Michel Authier, publica a obra que alcançou projeção mundial, a chamada *As árvores de conhecimentos*, prefaciada por seu respeitado Michel Serres. Afirma Lévy (2001, DVD), que a sua obra *As árvores de conhecimentos*, é “uma nova forma de considerar o funcionamento da sociedade, não mais relacionado ao poder, mas ao conhecimento”, isso se dá por meio de um programa de informática criado por Authier, que permite uma abertura de comunicação em tempo real entre indivíduos conectados no sistema, no qual formadores e empregados, patrões e clientes, professores e alunos, estarão juntos, permitindo reconhecer a diversidade das competências das pessoas, a formação intelectual da sociedade, além de favorecer

uma melhor visibilidade das relações humanas nos diversos campos (político, econômico, intelectual, social, familiar).

Pierre Lévy reconhece que com o avanço da tecnologia de informação como uma expansão social, seu sistema de árvore de conhecimentos pode ser aplicado mundialmente por meio do atual sistema de Internet. Não que o sistema desatualizou, pelo contrário, com a Internet, Lévy expande sua proposta para o mundo causando o impacto de uma revolução antropológica. Segundo Lévy (2001, DVD), o sistema das árvores de conhecimentos já é aplicado hoje em diversos lugares do mundo, em instituições de ensino, empresas, organizações sociais, econômicas, como por exemplo, a organização do sistema econômico e a organização de desenvolvimento humano da União Européia.

Após essa obra, Lévy se torna mundialmente conhecido, e assume diversas funções e cargos. Torna-se professor do departamento HiperMídia da Universidade de Paris, torna-se membro do Comitê de redação da 'revista virtual' do centro Pompidou, torna-se conferencista a nível mundial, vindo várias vezes ao Brasil. Suas obras foram traduzidas em diversos países como: Brasil, Itália, Portugal, Alemanha, Estados Unidos, Coréia, Grécia, Espanha (CAOSMOSE.NET, 2006).

Em 1994, com fundamentações nas *As árvores de conhecimentos*, Pierre Lévy publica a obra *A inteligência coletiva*, a qual apresenta o que realmente Pierre Lévy pensa sobre inteligência coletiva. É interessante, nessa obra, a proposta revolucionária de Pierre Lévy, denominada por ele mesmo como sendo utópica. Nela, Lévy apresenta à humanidade o surgimento de um novo espaço antropológico, o 'espaço do Saber', um espaço de uso das tecnologias de comunicação interativa. Sobre essa obra afirma Pierre Lévy (2001, roda viva): "Não tenho pretensões à exatidão histórica e científica, mas à fecundidade filosófica e prática". A primeira

parte da obra, denominada *A engenharia do laço social*, é considerada por Lévy (1999), como uma verdadeira arte de suscitar coletivos inteligentes valorizando ao máximo a diversidade das qualidades humanas. Nela, é apresentada, sob uma visão histórico-social da técnica, o processo de construção do pensamento da inteligência coletiva de Pierre Lévy. Na segunda parte, denominada *O espaço do Saber*, Lévy desenvolve a sua teoria dos espaços antropológicos. Para Lévy (1999) na história da humanidade estão presentes quatro grandes espaços antropológicos, sendo eles: Terra, Território, Mercadorias e Saber. Segundo o autor, é no espaço do Saber que se desenvolve a sua proposta de inteligência coletiva.

Seguidamente, logo em 1995, Lévy publica a obra *O que é Virtual?* A qual é sem dúvida, uma das mais revolucionária. Nela, Lévy quebra a visão de que virtual é oposição daquilo que é real, de que virtual é ilusório, imaginário, falso. Lévy (1996, p. 12. SIC) não se contenta em definir o que é virtual, mas também pretende “analisar e ilustrar *um processo de transformação de um modo de ser no outro*”, estendendo-se ao plano “filosófico (o conceito de virtualização), antropológico (a relação entre o processo de hominização e a virtualização) e sócio-político (compreender a mutação contemporânea para poder atuar nela)”.

Em 1997, como fruto do relatório encomendado pelo Conselho Europeu, Lévy publica a obra *Cybercultura*, um manifesto humanista da nova cultura em emergência. Nesta grande obra Lévy fundamenta seus argumentos em defesa da cibercultura e responde vários questionamentos pertinentes a respeito da informática como a exclusão digital e a monopolização da elite pelo domínio da nova técnica. A construção do pensamento humanista, utilizando e valorizando a cibercultura, é a pérola dessa obra de Pierre Lévy.

Em 1999, Pierre Lévy, com a colaboração de sua companheira Darcia Labrosse, publica a obra *Fogo Liberador*, que é, na verdade, o resultado de dois anos de análises sinceras sobre as mudanças espirituais da vida do próprio autor. Nela, Lévy (2000 apud: GUSTAVO, 2006) afirma que não basta compreender o mundo, não basta compreender a humanidade, pois para se dar bem diante dos problemas, também é precioso conhecer a si mesmo.

Olhe para a merda do mundo. É exatamente a mesma merda que há em você: a besteira, a cobiça, a raiva, a violência, a arrogância, o ciúme, o medo, a autodestruição, a vergonha. Se você se culpa, você é só um covarde. Se acusa os outros, o mundo, o sistema, os estrangeiros, e sei lá o que mais, você é um verdadeiro covarde. Mas se você se recusa a ver a merda, você é o pior dos covardes. A coragem está em ficar na merda. Trabalhar com ela. Aceitá-la tal como é. Ver que é vazia. Sentir no mais íntimo que a merda é um sonho de merda (LÉVY, 2000, p. 168 apud: GUSTAVO, 2006).

Esta obra é a visão de mundo que Lévy alcança por meio da experiência espiritual embasada nos ensinamentos budista, da cabala e da sabedoria dos antigos.

No ano de 2000, sai a publicação da obra *A Conexão Planetária*, na qual, Lévy aborda as discussões do mercado, do ciberespaço e da consciência humana e coletiva. A partir desse ano Pierre Lévy começa a trabalhar para a união européia com estudos sobre uma democracia eletrônica. E em 2002, com uma abordagem política-filosófica, sai a última publicação de Pierre Lévy, a obra chamada *Ciberdemocracia*, ainda não traduzida no Brasil. Esta é, na verdade, uma proposta de uma democracia eletrônica, isto é, uma democracia direta que é acompanhada por computadores. Na ciberdemocracia, todos os indivíduos ligados à rede terão acesso direto e instantâneo nas relações políticas, seria como que uma inteligência coletiva aplicada à política.

Há muito tempo, Lévy acredita que as novas tecnologias de informações oferecem ao homem a oportunidade de uma política clara, transparente, participativa para todos, isto é, uma democracia verdadeira, pois “não existe democracia sem comunicação livre” (LÉVY, 2001). Bem antes de publicar a *Cibercultura*, Lévy (2001, DVD), já afirmava que “há uma profunda relação entre o progresso das novas formas de comunicação e o progresso da democracia”. A informática é criadora da possibilidade da ciberdemocracia, uma verdadeira democracia eletrônica. Quanto a isso, Lévy (2001, DVD) reforça que “democracia eletrônica não é votar pela Internet. Mas é atuar individualmente”, diretamente, transparente e instantaneamente nos problemas e nas decisões políticas. Essa é a ciberdemocracia.

Desde 2002, Pierre Lévy trabalha na Universidade de Ottawa, no Canadá, como titular da cadeira de pesquisa em Inteligência Coletiva. É membro da Sociedade Real do Canadá – Academia Canadense de Ciências e Humanidade. Sobre a sua ida para o Canadá, Lévy, afirma:

[...] eu queria lecionar uma disciplina que se chamasse Inteligência Coletiva e na França não consegui. No Canadá disseram-me: ‘Você quer criar uma disciplina? Vá em frente’. Assim pude desenvolver, na Universidade de Ottawa, um projeto de dez anos de duração que tem por objetivo estudar e acompanhar a formação da inteligência coletiva (LÉVY, 2003).

Em 2005, em uma das suas últimas vindas ao Brasil, Pierre Lévy apresentou, à platéia da Universidade de São Marcos – SP, a pesquisa que ele estava desenvolvendo naquele ano, naquele momento, em Ottawa. Confira:

No laboratório que eu dirijo, estamos exatamente agora, desenvolvendo uma nova geração de linguagem de aumento cognitivo. São dados computáveis, não apenas em sua dimensão sintática, mas também em sua dimensão semântica e pragmática [...] São linguagens projetadas para serem lidas, não apenas pelos

computadores, mas também pelos seres humanos. Finalmente, isso leva a aventar a existência de um espaço que não é o espaço físico tridimensional ou quadridimensional, segundo Einstein, mas de um espaço semântico, pragmático, cognitivo, um espaço intelectual ou espiritual, mas que obviamente é multidimensional, hipertextual, evolutivo, complexo. A mente é assim, concordamos com isso. Mas antes dos computadores, não tínhamos meios para poder modernizar um espaço assim. Hoje podemos. Pois bem, façamos (LÉVY, 2005, DVD).

Ao fim dessa tentativa de conhecer um pouco da vida de Pierre Lévy, percebe-se que, dizer quem é Pierre Lévy não é algo tão simples como pode parecer. Filósofo, historiador, sociólogo, cientista, pesquisador, teórico, estudioso, utópico da Internet, engenheiro do saber, guru da Internet e até webfilósofo são apenas algumas das várias nomenclaturas dadas a Pierre Lévy. Mas, diante de tantas titulações, vem também, algumas interrogações, como por exemplo, quem realmente é Pierre Lévy hoje? Qual a sua classificação intelectual e profissional? Ele é filósofo? Se sim, de qual escola filosófica?

Para quem se preocupa fortemente com essas interrogações e as consideram essenciais para sua pesquisa sobre algum autor, saiba que para Pierre Lévy, essa preocupação não é tão significativa, pois para ele, o que importa é pensar e isso é independente de titulações e de disciplinas, confira o que Lévy responde na entrevista de Rogério da Costa:

Acredito que minha formação não tem nenhuma importância e considero que o pensamento em seu desenvolvimento livre não tem estritamente nada a ver com as disciplinas [...] não se trata de forma alguma de multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade, trata-se de pensar e isso é tudo. Então acontece de eu ter feito estudos de história e de administratividade eu ter diploma de sociologia e de ciência informática, mas nunca me considereei como pertencendo ou como tendo alguma formação (COSTA, 1993, p.55).

O pensamento de Lévy vai além das limitações das disciplinas e das titulações, o centro é a sabedoria humana e o humano na sua integralidade. Quanto

às titulações ou diplomas, Lévy afirma que desde cedo se interessou por robótica, cibernética e ficção científica chegando a possuir o título de doutor nessa área, e isso nós vimos, porém, confirma Lévy: “Digamos que do que mais gosto é de filosofia, já que eu disse que é o pensamento o que conta, mas não tenho um único diploma de filosofia” (COSTA, 1993, p. 55). Contudo, para a alegria dos conservadores e prisioneiros das disciplinas, Lévy (2001, DVD) afirma: “eu não sou ‘guru’, sou um filósofo”.

2. INTELIGÊNCIA COLETIVA

O termo Inteligência Coletiva põe diante de quem o observa a união de duas significativas palavras: inteligência e coletiva. Segundo Pierre Lévy (1999), a palavra inteligência, ao ser ouvida pode, sem muito esforço, levar o indivíduo a pensar a respeito de tudo o que se encontra armazenado em sua cabeça desde o dia de seu nascimento até àquele exato momento; conseqüentemente, também o leva a se questionar se é ou não inteligente. Mas Lévy não se apropria dessa concepção de inteligência - e esse é um aspecto por onde o presente trabalho tenta elucidar a originalidade do seu pensamento.

Para Lévy (1996, p. 97), a inteligência “é o conjunto canônico das aptidões cognitivas, a saber, as capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar, de raciocinar”. No contexto (LÉVY, 1996), conjunto *canônico* (ênfase deste autor) deve ser visto como um arcabouço de aptidões, ou seja, um conjunto de

aptidões cognitivas. Não se trata somente da inteligência entendida no sentido cognitivo quase material, muito próximo da capacidade da memória, como sendo a faculdade de armazenar o maior número de informações na mente, é muito mais, trata-se de todas as faculdades humanas constituídas no decorrer da vida de cada indivíduo.

Na composição do termo, a segunda palavra é “coletiva” que, da mesma forma que a primeira, é também carregada de importantes significados. Não obstante, ao se falar de coletividade, de imediato pode-se recordar um grupo de pessoas, composto de vários membros que se ajudam mutuamente. Se o observador afinar a imaginação, lembrar-se-á também dos grupos do local de trabalho, dos grupos da Igreja, dos grupos do bairro, dos da cidade, como um grande grupo concentrado em um determinado local, e, se forçar mais um pouco, chegar-se-á em fim, ao gigantesco grupo da humanidade, no qual todos os seres humanos estão tentando se organizar para viver. E de acordo com a lei natural da espécie humana, esta gigantesca coletividade se constitui e se mantém viva pela procriação.

Como foi exposto até este momento, a união das duas palavras, “inteligência” e “coletiva”, criando uma nova locução, vai abraçar em si os significados normalmente associados a cada uma das palavras tomadas individualmente. É sobre a originalidade do filósofo Pierre Lévy que se desenvolve todo o texto que vem a seguir.

2.1 O QUE É INTELIGÊNCIA COLETIVA?

No pensamento de Pierre Lévy (1999, p. 28), se vê com clareza que inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta uma mobilização efetiva das competências”. Essa é a definição de Pierre Lévy, que, por sinal, está bem compactada, bem concentrada de conteúdos e por isso, necessita ser analisada detalhadamente parte por parte, a fim de que se atinja a fundo o pensamento do autor.

2.1.1 Uma inteligência distribuída por toda parte

O que é uma inteligência distribuída por toda parte? Bem, quando Pierre Lévy (1999, p. 28) afirma que a inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte”, não quer dizer que a inteligência foi recortada por alguém, seja um ser igual, inferior ou superior a si, e depois foi distribuída, um pouquinho para cada pessoa, em todas as partes do mundo. Não é isso. O que Lévy, quer dizer é que não existe no mundo nenhum reservatório de conhecimentos que seja apriori ou transcendente, isso quer dizer, não existe no mundo nenhum intelectual sábio o bastante para concentrar em si todo o conhecimento, e mais, não existe o conhecimento pronto, completo e perfeito no reservatório memorial ou enciclopédico de ninguém. Mas, o que verdadeiramente existe é um mundo cheio de pessoas em todas as partes, e em cada uma dessas pessoas se concentra algum tipo de saber, isto é, cada pessoa no mundo sabe alguma coisa, e sabe alguma coisa que as outras pessoas não sabem.

Não obstante, Lévy (1999, p. 29) afirma que “o saber não é nada além do que as pessoas sabem”, mas saber disso não é suficiente, é preciso compreender que “ninguém sabe tudo”, mas ao mesmo tempo, “todos sabem alguma coisa”, e que o conhecimento completo não se encontra fechado na cabeça de ninguém, mas, “todo o saber está na humanidade”, a qual, como apresentado anteriormente, é a gigantesca coletividade.

Mal se percebe, mas acabam de ser apresentados, de maneira bem simplificada, os princípios que fundamentam o pensamento da inteligência coletiva de Pierre Lévy, os quais são: *Cada um sabe... Nunca se sabe... Todo o saber está na humanidade.*

É fácil entender que ‘cada pessoa no mundo sabe’ de alguma coisa, que cada indivíduo aprendeu alguma coisa, ou experienciou alguma coisa em sua vida, mas, o difícil é compreender que “o saber é uma dimensão do ser” (LÉVY, 1995, p. 100).

Segundo Pierre Lévy (1995), nos momentos mais difíceis da vida, bem quando se correm perigos de vida ou se encontram encurraladas e quase que sem saída diante da morte, na imaginação das pessoas passa, aceleradamente, todo o filme das suas próprias vidas, desde as primeiras lembranças, os primeiros relacionamentos, os primeiros amores, as paisagens marcantes, as conquistas, e tudo o que marcou as suas vidas de maneira singular. Sobre isso, confirma Lévy (1995, p. 99): “esta exaustão da memória, este inventário pânico é o último esforço de minha vontade de sobrevivência”. Nesta situação, é diante dessa rápida lembrança que a pessoa pode vir a encontrar nas experiências da vida, alguma informação, conteúdo, ou hábito memorizado na mente que a livre da morte. Essa lembrança última e integral de todos os conhecimentos condensados na experiência

da vida humana é para Lévy, o ato último do instinto humano de conservação. Aqui é onde o ser humano explora o saber que o constitui.

Sendo assim, no pensamento de Pierre Lévy (1999), cada pessoa é um estoque de conhecimentos, o qual, até sua morte, estará sempre crescendo. O interessante é que ao lançar um olhar mais amplo, percebe-se que cada pessoa tem um estoque de conhecimentos diferente, pois cada uma tem uma história de vida diferente, tem traçado caminhos diferentes, tem leituras de livros diferentes e entendimentos diferentes de leituras, as reações e os sentimentos também são diferentes para cada uma, com isso, são milhares e milhares de coisas que cada pessoa vive e conhece de maneira diferente de todas as outras pessoas.

Após toda essa reflexão, de acordo com o pensamento de Pierre Lévy (1995), seria, pois, uma atitude de muita ignorância dizer a alguém que ela de nada sabe, e mais, não se limita na ignorância, pois, com essa afirmação se deixa de considerar toda uma vida repleta de experiências e conhecimentos e isso, seria a maior expressão daquilo que se entende por exclusão, seria, na verdade, uma destruição da pessoa em sua integralidade, seria um homicídio de um ouro não valorizado. Assim também, Lévy fundamenta o primeiro princípio da inteligência coletiva: *cada um sabe*.

Agora, como fora proposto no início, não se deve esquecer que o presente capítulo está refletindo, parte por parte, o conceito de inteligência coletiva de Pierre Lévy. Sendo assim, aqui se finaliza a primeira parte – *Uma inteligência distribuída por toda parte* – e a seguir inicia-se as reflexões sobre a segunda parte.

2.1.2 Uma inteligência valorizada

A inteligência humana é valorizada? A inteligência precisa ser valorizada? A inteligência coletiva valoriza a inteligência humana? É após essas questões que Pierre Lévy (1999, p. 29, SIC) afirma: “se você comete a fraqueza de pensar que alguém é ignorante, procure em que contexto o que essa pessoa sabe é ouro”. Aqui, Lévy apresenta dois elementos importantes, um é fato e o outro projeto. A inteligência presente em cada pessoa é um fato, agora, porém, o reconhecimento e o valor necessário que merece tal inteligência, é ainda projeto.

Está claro para Lévy (1995) que de todos os saberes da vida, somente uma ínfima parte é reconhecida oficialmente, merecendo títulos ou diplomas. Sobre isso, Pierre Lévy (1999, p. 29), afirma que a nossa inteligência é “desprezada, ignorada, inutilizada, humilhada, justamente por isso não é valorizada”.

Numa época em que as pessoas se preocupam cada vez mais em evitar o desperdício econômico ou ecológico, parece que se dissipa alegremente o recurso mais precioso, a inteligência, recusando-se a levá-la em conta, devolvê-la e empregá-la (LÉVY, 1999, p. 29, SIC).

Sob essa concepção de Lévy, o que se percebe hoje, é que desde o boletim escolar com suas estruturas de avaliações aos métodos de reconhecimentos qualitativos das empresas, e em tudo o que se diz ser método de avaliação ou reconhecimento das qualidades e inteligências humanas, o que verdadeiramente existe é uma “organização da ignorância sobre a inteligência das pessoas” (LÉVY, 1999, p. 29).

Sendo assim, de acordo com Lévy (1999 B), não seria um equívoco dizer que hoje, a humanidade vive em um mundo totalitário, no qual, pessoas ou

instituições são consideradas autoridades supremas e donas de todos os conhecimentos da humanidade, e se consolidam com a posse do poder. Elas agem como se dissessem: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6), ou mais, “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12), ou seja, elas se consideram Deus, e ao mesmo tempo não dão abertura para uma interatividade entre as pessoas, para que se possa haver a construção da coletividade inteligente. Com isso, sem dúvida, volta à lógica da exclusão e destruição da pessoa inteligente.

Tudo o que pretende ser uma autoridade esmagadora, vai dizer: “Eu sou a autoridade sem a qual vocês vão se perder”. Mas a pessoa, ou a instituição [...]. Como vai saber se ela está perdida? Quem tem o privilégio de saber qual rumo tomar? Um político é mais inteligente que a maioria das pessoas? De jeito nenhum. São exatamente como nós. E um cientista? Claro é mais competente que eu, mas em matemática. Em sociologia, não. O sociólogo é mais competente quanto à divisão social, mas talvez não em outra área. Quem vai dizer qual é o bom senso? Ninguém individualmente [...] Temos de tomar consciência de que juntos, possuímos o conhecimento absoluto (LÉVY, 2001, DVD).

Agora que se tem consciência de que cada um possui um saber, Pierre Lévy (1995, p. 101-102), adverte que “é preciso imediatamente acrescentar que ninguém sabe tudo”, pois ao se saber que cada um sabe, “funda ao mesmo tempo uma humildade primeira e o respeito que os homens devem uns aos outros. Pois o que eu ignoro é antes de tudo o que o outro sabe”.

A partir dessa ótica, ao dizer que nunca se sabe, Lévy (1995, p. 102) faz uma crítica à ciência absoluta, afirmando que “tantos outros se enganaram quando acreditavam conhecer...” como também, tantos outros que se enganam acreditando não conhecer. Dizer que nunca se sabe é reconhecer-se como parte de uma coletividade que possui o saber absoluto e, além disso, é reconhecer-se como uma

parte minúscula que cresce e aprende a cada dia. Essa reflexão, Lévy traz para os dias atuais, para fundamentar que o conhecimento é sempre inacabado, e que ao mesmo tempo em que se sabe que “só sei que nada sei”, essa certeza desaparece, pois “o saber não é como o título que por vez o representa, não é um objeto inalterável que se possa ter entre as mãos, um signo estável do qual estou certo. Fora do seu exercício, sempre nos deixa nus, vazios, incertos” (LÉVY, 1995, p. 102).

Pierre Lévy (1995) afirma que não sabe quanto vale seu saber, não sabe mais, não sabe ainda, Lévy não sabe se sabe, porque nunca se sabe... e dessa forma, sob todo este contexto, Lévy fundamenta o segundo princípio da inteligência coletiva: “*nunca se sabe*”.

2.1.3 Uma inteligência em tempo real

Após saber que ‘cada um sabe’ e que ‘nunca se sabe’, Pierre Lévy (1995, p. 102) reconhece, como terceiro princípio, que “todo o saber está na humanidade”. Tendo isso como verdade, Lévy se dedica em estudos e pesquisas para conseguir interligar toda a humanidade, a fim de que, com isso, se interliguem também todos os conhecimentos, as experiências e também os problemas de cada indivíduo, de cada comunidade, de cada cidade e país. Em fim, Lévy se dedica a pensar em um novo espaço de inter-relações, para que no qual haja “interações entre conhecimentos e conhecedores de coletivos inteligentes desterritorializados” (LÉVY, 1999, p. 29). Para Lévy (CIBERESPAÇO, 2000, p. 13), essas interligações são feitas

por dispositivos chamados por Lévy “um e um”, “um e todos” e “todos e todos”, esses, são na verdade, uma interligação planetária, isto é, uma interligação de um para com cada um e de um para com todos e de todos para com todos, e isso se dá, porque o planeta está interligado pelas novas tecnologias de informações, especificamente a Internet.

Mesmo com toda a importância dessa interligação planetária, Pierre Lévy (1995, p. 103) afirma que “a soma dos indivíduos não basta para sustentar o conhecimento, pois as línguas, os relatos, os discursos, os livros, os instrumentos, as máquinas, as formas sociais e tudo o que os homens constroem continuamente acompanham por sua vez o saber”. Sendo assim, Lévy (1995) quer dizer que, as transformações tecnológicas são decorrentes da acelerada construção dos conhecimentos exatos.

“Hoje, os conhecimentos não apenas evoluem muito rapidamente, mas, sobretudo, comandam a transformação das outras esferas da vida coletiva”, especialmente no que diz respeito às novas tecnologias de informações (LÉVY, 1995, p. 103-104).

Tendo isto em vista, Lévy (1999, p. 29) propõe uma interligação em tempo real, isto é, uma “coordenação das inteligências em tempo real” pela Internet, para que assim, os indivíduos conectados na rede coletiva do espaço do Saber, acompanhem a acelerada transformação tecnológica e seus conhecimentos implícitos. O que Lévy propõe é que a construção das inteligências em tempo real seja coordenada pela própria coletividade, isto é, pela própria humanidade, pois ela é a dona do saber.

2.1.4 Uma inteligência efetiva das competências

Após reconhecer que os indivíduos podem se interligarem uns com os outros e com toda a humanidade ao mesmo tempo e em tempo real, Pierre Lévy (1999, p. 29) complementa o seu pensamento de inteligência coletiva propondo-se “atingir uma mobilização efetiva das competências”, para Lévy (1999, p. 30) isto é, “quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo” e ao mesmo instante, “contribuímos para mobilizá-lo, para desenvolver neles sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implantação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos”.

Segundo os estudos históricos de Lévy, a Europa, no final do século XVIII, teve o seu famoso salto econômico mundial, mas isso só ocorreu, devido a

[...] instauração de uma garantia jurídica eficaz para a propriedade intelectual (direitos autorais, patentes, licença de investigação etc). Desse modo, os inventores podiam dedicar seu tempo, sua energia intelectual e seus recursos financeiros à inovação, sem medo de ter seus esforços roubados pelos poderes da época [...]. Ao se atribuir regras ao jogo da inovação, fazendo dela uma atividade legítima, socialmente encorajada, economicamente compensadora, desencadeou-se uma dinâmica tecnocientífica e industrial de imenso alcance (LÉVY, 1999, p. 30, SIC).

De fato, isso ocorreu na Europa em pleno século XVIII, e não aqui, no Brasil em andamento do século XXI, mas, contudo, o Brasil se encontra no mundo e para Pierre Lévy (1999, p. 30, SIC), o mundo de hoje se encontra “diante da necessidade de realizar um salto do mesmo tipo na ordem das competências e das inteligências coletivas”, pois, esta nova realidade ainda não dispõe de “nenhum

sistema de avaliação, de contabilidade, representação alguma, nenhuma regulação jurídica digna desse nome”.

Neste momento, diante de toda a intencionalidade de uma legalização jurídica para dar autonomia à inteligência coletiva no espaço do Saber, vale lembrar que, a inteligência coletiva não é totalitária, nem exploradora, pois, “em um coletivo inteligente, a comunidade assume como objetivo a negociação permanente da ordem estabelecida, de sua linguagem, do papel de cada um, o discernimento e a definição de seus objetos, a reinterpretação de sua memória” (LÉVY, 1999, p. 31).

Agora, Pierre Lévy (1999, p. 31, SIC), mesmo com toda a coletividade imposta no espaço do Saber, funda seu pensamento e afirma que, os indivíduos, “são ao mesmo tempo singulares múltiplos, nômades e em vias de metamorfose (ou de aprendizado) permanente”. Sendo assim, no espaço do Saber, a inteligência coletiva convoca a proposta de um novo humanismo, pois, para Lévy, a inteligência coletiva, é um processo de crescimento, de evolução e retomada recíproca das singularidades, sem totalidade e com devido valor.

Após a conceituação da inteligência coletiva no pensamento de Pierre Lévy, percebe-se que, ao ser distribuída por toda parte, tendo cada uma o seu devido valor, sendo coordenada em tempo real e por todas as significativas competências, a inteligência coletiva, não se limita somente na nova maneira de se dar com o conhecimento, ou com uma nova educação, mas também atinge vários outros campos sociais, como por exemplo, o campo político e o campo cultural.

Antes de encerrar este capítulo, o qual se comprometeu em apresentar uma introdução ao que é inteligência coletiva para Pierre Lévy, consta-se como necessário, ao leitor, a importante informação de que a inteligência coletiva no pensamento de Pierre Lévy não existe concretamente, existe apenas como projeto,

mas isso, para Lévy (1999 B, p. 208), “não se trata de forma alguma de uma ‘utopia tecnológica’, mas do aprofundamento de um antigo ideal de emancipação e de exaltação do humano que se apóia nas disponibilidades técnicas de nossos dias”.

Com toda essa navegação feita sobre o pensamento de Pierre Lévy, o presente capítulo vem para seu fim sem nenhuma definição completa e definitiva sobre toda a complexidade da inteligência coletiva, e é melhor assim, pois aqui não está contemplada a presunção de uma apresentação totalizante da inteligência coletiva, nem por intencionalidade, nem por condição. Pois, está claro para Pierre Lévy (1999 B, p. 209) que “a inteligência coletiva é muito mais problema em aberto – tanto no plano prático como teórico – que uma solução pronta para ser usada. Mesmo que as experiências e as práticas sejam abundantes, trata-se de uma cultura a ser inventada e não de um programa a ser aplicado”.

Para que faça real a vida da inteligência coletiva, Lévy (1999) não vê outra maneira a não ser pela concepção de um novo espaço antropológico. Até aqui, foi por várias vezes apresentado e sem nenhuma explicação o termo ‘espaço do Saber’. No pensamento de Pierre Lévy, a humanidade construiu definitivamente três grandes espaços antropológicos e se encontra hoje na construção de um novo espaço antropológico, o espaço do Saber, ou amplamente, ciberespaço. Para Lévy, é nesse, é somente nesse espaço, que o projeto da inteligência coletiva será possível.

Sendo assim, é somente compreendendo os espaços antropológicos, especificamente o quarto espaço, para que se possa entender com eficiência todo o suporte que sustenta e dá vida à inteligência coletiva de Pierre Lévy. É por isso, que a seguinte, a segunda parte do trabalho não poderia ser se não a apresentação dos espaços antropológicos do pensamento de Pierre Lévy.

II. ESPAÇO ANTROPOLÓGICO

3. O QUE É UM ESPAÇO ANTROPOLÓGICO?

O espaço Antropológico é reconhecido por Pierre Lévy (1999, p. 22) como um “sistema de proximidade próprio do mundo humano”. O qual depende de técnica, linguagem, cultura, significações, convenções, representações e emoções humanas. Tudo isso é que permite o nascimento de um espaço antropológico.

Um espaço antropológico nasce da “interação entre pessoas” (LÉVY, 1999, p. 125). Porém, segundo Lévy (1999, p. 126), “os seres humanos não habitam somente no espaço físico, ou geométrico”, isso quer dizer, não se interagem em somente um espaço. As pessoas habitam, e por muito tempo, em vários outros espaços, afetivos, estéticos, sociais, históricos. Espaços de significações em geral.

As pessoas têm diante de si diferentes espaços antropológicos devido às várias possibilidades de habitação que lhes são propostas pela própria natureza.

Dessa forma passamos nosso tempo a modificar e a administrar os espaços em que vivemos, a conectá-los, a separá-los, a articulá-los, a endurecê-los, a neles introduzir novos objetos, a deslocar as intensidades que os estruturam, a saltar de um espaço a outro (LÉVY, 1999, p. 126).

Os espaços antropológicos são como superespaços. Sua constituição apresenta vários outros espaços interdependentes, em que cada espaço possui sua axiologia. O que é de grande valor em um espaço, pode não ser em um outro. Daí a importância de reconhecer os valores dos espaços nos quais vivemos e também daqueles os quais somos levados a viver.

Diante de toda a história da humanidade, até hoje, Pierre Lévy reconhece a existência de quatro grandes espaços antropológicos: Terra, Território, Mercadorias e Saber. Esses espaços surgiram devido a acontecimentos de ordem intelectual, técnico, social ou histórico e também pelas suas grandes capacidades de reorganizarem as proximidades e a interação entre as pessoas, entre as distâncias.

Para Lévy (1999), é um grande erro considerar os espaços antropológicos como recortes cronológicos de uma realidade preexistente. Da mesma maneira é um equívoco “tomar os espaços antropológicos por classes ou conjuntos nos quais se acomodariam os seres, os signos, as coisas, os lugares, cada entidade do mundo humano” (LÉVY, 1999, p.129).

Os espaços vão surgindo de uma maneira complementar e processual. Para melhorar a compreensão dessa complexidade, Pierre Lévy configura:

[...] imaginemos que um calendário de quatro páginas (cada uma correspondendo a um espaço antropológico) seja rasgado e

amassado até formar uma bola. Suponhamos agora que uma agulha (que representa o fenômeno a ser cartograficamente representado segundo nosso sistema de projeção) seja espetada nessa bola de papel. A agulha atravessará em certa ordem, cada um dos espaços e poderá furar várias vezes o mesmo espaço. Cada nova agulha espetada estabelecerá relações diferentes com os quatro espaços, tanto sob o aspecto da sucessão como sob o do número de encontros (LÉVY, 1999, p. 130).

Tem-se claro na figuração que, no pensamento de Pierre Lévy, os novos espaços antropológicos, mesmo surgidos em tempos diferentes, não vem suprimir os anteriores. O que acontece é uma superação em velocidade e significações, tendo os mesmos como “plano de existência”, ou seja, como necessidade para existência dentro de um processo contínuo de transformação (LÉVY, 1999, p. 128). Pierre Lévy (1999, p. 189), deixa bem claro que um espaço antropológico, quando se desenvolve “de maneira consistente torna-se irreversível, ele não é eliminado pelo que vem depois dele”, ou seja, para Lévy (1999, p. 190), “os espaços antropológicos são eternos”. O interessante é que os espaços vão sendo atualizados de acordo com os desenvolvimentos dos pensamentos e relações humanas. Nesse sentido, no pensamento de Pierre Lévy (1999, p. 190, SIC) “o tempo não *passa* realmente, os ambientes afetivos, as configurações existenciais são postos em reserva, em memória, não deixando jamais de agir, estão disponíveis para todos os retornos. Tudo está sempre presente”.

Cada parte dos grandes espaços antropológicos do pensamento de Lévy (1999), são apresentados a partir de seis aspectos, os quais, julga Lévy, abordam todas as necessidades de um espaço antropológico em suas mais importantes dimensões. Os aspectos de abordagens dos espaços são: identidade, semiótica, figura de espaço e tempo, instrumentos de navegação, objetos de conhecimentos e epistemologias.

4. TERRA

O primeiro espaço antropológico da humanidade, para Lévy (1999), foi a Terra. Nela nossa espécie irrompe o paleolítico e desenvolve três características: a linguagem (fala, comunicação...), a técnica (invenções, pedra trabalhada...), e o laço social (clãs, tribos, povos...). Essas três características monitoram a Terra – como espaço antropológico. Por isso, Lévy afirma que a humanidade inventou a si mesma. A espécie humana que desenvolveu a Terra. Que a modelou, que a fez como é.

A Terra não é o solo originário, nem o tempo das origens, mas o espaço-tempo imemorial ao qual não se pode atribuir origem, o espaço “desde sempre presente” da espécie, que contém e supera o começo, o desdobramento e o futuro do mundo humano. A Terra não é um planeta, nem mesmo a biosfera, mas um cosmo em que os

seres humanos estão em comunicação com animais, plantas, paisagens, lugares e espíritos. A Terra é esse espaço em que os homens, as pedras, os vegetais, os animais e os deuses se encontram, falam-se e separam-se para se reconstruir perpetuamente (LÉVY, 1999, p. 115).

Por isso é que, para Lévy, quem vive na Terra é somente a espécie humana, as outras espécies habitam. É somente o humano que desenvolve a Terra e nesse desenvolver é que ele a constrói. A espécie humana elabora e reelabora constantemente a Terra pela linguagem, pela técnica e pela maneira de se organizar socialmente. A Terra é o espaço antropológico que se constitui juntamente com todas as significações que a espécie humana criou.

O homem não vive em um nicho, como um cão, pois ele contempla as estrelas, inventa deuses que o inventam, dá a si mesmo a águia ou o leopardo como ancestrais, vive entre os signos, os relatos e os mortos. É o único animal que vive no cosmo, que não só pertence a uma espécie, mas escolhe totens (LÉVY, 1999, p. 116).

A Terra não é voltada para a humanidade, mas é esta que está voltada para a Terra, para o cosmo, e para si mesma.

Agora, a relação do homem com o cosmo gera uma maneira particular de se viver nesse espaço e essa maneira de se viver, dá à espécie humana uma identidade.

4.1 A IDENTIDADE NA TERRA

Na Terra – como espaço antropológico – a identidade é adquirida primordialmente pelo *nome*. Mas, afirma Lévy (1999) que, também pode ser

adquirida ou complementada por signos como tatuagens, brasões, totens ou máscaras.

Lévy, na verdade, confirma que a definição de um indivíduo, ou seja, sua identidade, se dá por diferentes formas. Pela sua participação no clã, pelo sistema de filiação, pela aliança e pela linhagem a qual vem a ser uma definição igualmente cósmica.

Para Pierre Lévy (1999), nesse espaço, todo ser humano possui como ascendentes: ancestrais míticos, heróis, deuses, plantas e todo tipo de identidades totêmicas, arquetípicas ou elementares.

E a exterioridade transforma-se em interioridade: situado no universo, o indivíduo humano é, ele próprio, um microcosmo, um eco, um reflexo do todo. Cada parte de seu corpo ou movimento de sua alma remete a conhecimentos ou lugares do mundo (LÉVY, 1999, p. 131).

Por essa ligação cósmica natural da estrutura humana, as relações com o cosmo definem e designa o ser humano em um determinado espaço. É o cosmo que concede o espaço ao homem na Terra, isso porque, como já dito, é o cosmo que lhe concede a identidade.

4.2 A SEMIÓTICA NA TERRA

Segundo Pierre Lévy (1999), todos os espaços antropológicos possuem um sistema de signos, ou seja, uma semiótica específica.

Na Terra, o ser e o signo se complementam, um participa do outro; o signo participa do ser e o ser do signo. Eles estão sempre muito próximos. Tudo

gera signo. Cada acontecimento gera mensagem e faz com que cada pessoa seja mensageira.

Simetricamente, o signo é um atributo, uma parte ativa das coisas, do ser ou da situação que ele qualifica [...] As palavras são potências. Cada nome difunde uma energia, uma qualidade. Graças ao sopro que os leva, o signo não se separa jamais de uma presença. As falas são atos, exercem poderes, destroem e criam. Imagem e fetiches agem à distância. Atos divinos ou rituais humanos são gestos e cantos que sustentam o mundo (LÉVY, 1999, p.141).

Nesse espaço, animais e humanos, astros e climas, formas e detalhes, tudo se transforma em sinal e nos remetem a relatos, a discursos, ou a rituais. O ser se faz pelo signo e o signo se faz pelo ser.

4.3 FIGURA DE ESPAÇO E TEMPO NA TERRA

De acordo com os locais periódicos de presença de água, de presença das vastas coletas e colheitas, e até de acordo com as mudanças climáticas das estações do ano, os nômades, na Terra, traçam suas trilhas, suas passagens, seu habitat, e junto aí, criam também seu espaço.

Durante as peregrinações nas trilhas da vida nômade, os seres da natureza eram nomeados pelos deuses ou pelos seus ancestrais.

A terra é a memória dos homens. Sua paisagem é o mapa das epopéias, o depósito das sabedorias. Todo o espaço vive. Os cantos e relatos contam a Terra; a Terra se lembra do tempo do sonho, do tempo das origens, que está sempre presente; e a Terra morre, com os deuses, se os cantos não são retomados, as viagens novamente empreendidas, se as trilhas são abandonadas (LÉVY, 1999, p. 149).

No pensamento de Lévy (1999, p. 150) o espaço, na Terra, é o “espaço-memorial”, o “espaço-narração”. Mais precisamente é a “encarnação de uma subjetividade coletiva dentro de um cosmo”. Sendo assim a Terra sempre será e sempre existirá, desde que reavivamos nossas histórias, re-habitemos nossos lugares, cantemos nossos cantos e façamos ser nossa memória.

A Terra imemorial transporta seu tempo consigo, ela está presente desde sempre, não é jamais passada. Estamos sobre a Terra quando vamos à Lua. Os peregrinos, os viajantes, os aventureiros e os poetas despertam a Terra. Todo espaço *habitado* reconstitui a Terra (LÉVY, 1999, p. 150).

Se o espaço é memorial, a noção de tempo na Terra é imemorial, pois segundo Lévy, toda invenção não passa de uma simples reminiscência, ou seja, é o mesmo que um retorno cômico.

4.4 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO DA TERRA

Os instrumentos de navegação existentes na Terra são três: relatos, portulanos e os algoritmos. Esses instrumentos de navegação não são entendidos somente como instrumentos de orientação para fazer grandes locomoções marítimas, mas os instrumentos de navegação, são também instrumentos de conhecimentos.

Na Terra, o relato é o principal instrumento de conhecimento. São pelos relatos que as gerações descendentes se orientarão para se locomoverem e para adquirirem conhecimentos de técnicas e experiências de vida. Principalmente durante as descobertas das grandes e novas viagens e navegações.

Para Pierre Lévy (1999), a *Odisséia* é um dos primeiros portulanos. Segundo o autor (1999, p. 160), “o portulano é uma odisséia da qual vocês são os heróis, um banco de dados para mil e um relatos de viagens possíveis”.

Os relatos constroem os portulanos. De fato, os portulanos são como banco de dados, de relatos. Os navegadores narram suas experiências marítimas em diversos relatos, e assim se cria o portulano. Este, não permite focalizar o centro dos fatos, mas permite conhecer todo o contexto dos fatos, dos acontecidos, da história narrada.

Contudo, os relatos e os portulanos, possuem uma estrutura abstrata chamada algoritmo. Esta é a estrutura abstrata pela qual os relatos e os portulanos, se registram na história e se fazem conhecer.

4.5 OBJETOS DE CONHECIMENTO DA TERRA

Cada espaço antropológico possui seus objetos de conhecimentos. São os instrumentos de navegação que constituem os objetos de conhecimentos específicos de cada espaço.

Como já visto, os relatos são os instrumentos de navegação e de conhecimentos na Terra. Porém, para Lévy (1999), os relatos já pressupõem uma fixação escrita que provém das tradicionais narrações.

Sendo assim, o objeto do saber terrestre é o objeto das narrativas. Agora, as narrativas constituem uma cadeia indefinida de derivações e transformações a cada narração. Por isso, afirma Lévy, que o objeto das narrativas não é a sua

origem, o seu ponto de partida. O objeto verdadeiro do saber terrestre é um *devir-começo eterno*. É um ponto imemorial.

4.6 EPISTEMOLOGIAS DA TERRA

Na Terra, o sujeito do saber é o coletivo, é a comunidade. Sendo assim, o saber está no clã, na tribo, está em toda uma geração que aprendeu tudo o que sabe com a geração anterior e com a sua geração.

Para Lévy (1999), na Terra, o saber presente na coletividade é imanente ao sujeito terrestre. E isso é importante, pois na terra, percebe-se que já havia um tipo de inteligência coletiva. Contudo, não é esse coletivo inteligente que o presente trabalho quer apresentar, pois o coletivo da Terra não é totalizante, mas também não é universal, enquanto a inteligência coletiva de Pierre Lévy não é totalizante, mas é universal.

Comumente, o saber está presente na própria Terra, nos experimentos, na memória, nos atos, na maneira de viver e de ver o mundo. Pierre Lévy (1999, p. 177) concorda que, “na Terra, quando um ancião morre é uma biblioteca que se queima”. Segundo o autor, o saber está na intuição e na carne do coletivo e de cada um.

5. TERRITÓRIO

Segundo Pierre Lévy (1999), há mais de doze mil anos difunde-se sobre a Terra um segundo espaço antropológico, o Território. Começa com a simples domesticação e criação de animais, depois se expande com o cultivo de lavouras gerando a nova agricultura, a comunidade que cresce e se torna cidade, estado, o surgimento revolucionário da escrita que transforma todo o sistema de saber (conhecimento) e da sociedade. A vida modifica.

Esse sistema de vida se expande e se fortalece gerando uma potência permanente de um novo mundo, 'o mundo sedentário da civilização'.

A agricultura, a cidade, o Estado ou a escrita são daí por diante virtualidades inerentes à humanidade, que remetem uma às outras e contribuem, cada uma à sua maneira para quadricular o Território [...] O Território a partir de dentro, edificam nos costumes e na alma coletiva dos povos uma pirâmide social (LÉVY, 1999, p. 117).

Os costumes do Território se fizeram imanente na humanidade de tal forma que “de três a quatro mil anos para cá, e até a Segunda Guerra Mundial, a maior parte da humanidade, camponesa, viveu no Território” superando várias revoluções e inovações técnicas (LÉVY, 1999, p. 118).

Com relação à Terra, o Território age de forma interna. Canaliza os rios, queima as florestas, constrói pontes, cria calçadas. Tende a dominar a Terra, porém, de acordo com Pierre Lévy, a Terra sempre irrompe do meio do Território e volta.

5.1 IDENTIDADE NO TERRITÓRIO

Diferentemente da Terra, a identidade no Território, para Pierre Lévy (1999), são as posses, o domínio sobre porções territoriais, as posições sociais,

posses intelectuais (diplomas), as posições nas instituições, nas castas e nas ordens hierárquicas. O centro da existência no Território é a sua pertença, sua propriedade definidas por suas fronteiras.

[...] no território o corpo é um organismo hierarquizado e a alma aparece como um micrópole, uma *micro polis*, um pequeno Estado agitado por rebeliões, paixões, contra o império da razão ou da lei. A psicologia do Território é uma política interiorizada, como sua religião é a imagem hipostasiada da ordem social (LÉVY, 1999, p. 132).

Percebe-se que ao se identificar, após o nome, vem o ‘endereço’, o território, isto é, o lugar onde se habita, que, segundo Pierre Lévy, é a identidade territorial, sedentária e contribuinte. De acordo com Lévy (1999, p.23), o sistema de identidade no Território ainda é vivenciado por muitos, pois, “até hoje, as instituições as quais vivemos são igualmente territórios, com suas hierarquias, burocracias, sistemas de regras, fronteiras, lógicas de pertença ou de exclusão”.

5.2 SEMIÓTICA DO TERRITÓRIO

Tem-se claro que para Lévy (1999), a semiótica do Território supera a semiótica da Terra, pela escrita. A escrita sedentarizou a fala ao se destacar do sopro vivo e ser fixada num suporte inerte. “Os signos *representam* as coisas: tornam presentes as coisas ausentes” (LÉVY, 1999, p. 142). Por isso, a representação é o tema central do Território.

[...] os signos já não são apenas trocados na situação, mas podem ser separados de seus autores, separados das potências vivas a que se apegavam no regime semiótico da Terra [...] As separações e as fronteiras que quadriculam o Território insinuam-se no centro das

relações de significações: o corte semiótico está instituído (LÉVY, 1999, p. 142).

De fato, as coisas em si, no território das significações, estão ausentes, isto faz com que a transcendência do signo seja “a pedra angular das hierarquias políticas e sacerdotais, o segredo da submissão dos sujeitos castrados a todas as transcendências” (LÉVY, 1999, p. 143).

No Território se vive no mundo das representações, das significações, das ausências e das presenças, isto é, as coisas que estão presentes, não estão somente presente, pois traz dentro de si várias coisas que estão ausentes ao ato empírico, mas presentes em suas significações, por isso, no território as coisas estão ausentes e ao mesmo tempo presentes. Vê-se claro isso na invenção da moeda. Numa só moeda está presente uma só moeda, mas, pode estar ausentes várias moedas, mas ao mesmo tempo que essa uma moeda está presente, ela se faz ausente para que as outras se façam presentes.

5.3 ESPAÇO E TEMPO NO TERRITÓRIO

Aqui, a compreensão de espaço e Tempo no Território se dá de maneira bem diferente da Terra. Tudo se inicia a partir da fundação do Território.

O primeiro indivíduo que delimitou um território e afirmou ‘isto é meu’ e fez com que as pessoas acreditassem, foi, para Pierre Lévy (1999), o fundador da sociedade civil, da civilização e do Território.

Com isso, a fundação, de acordo com Lévy (1999, p. 150) “é o ato que cria o Território [...] designa com a mesma palavra, a gênese de um espaço e a

inauguração de um tempo”. O tempo e o espaço, só se sustentam com a fundação e a refundação no Território.

Criam-se cercas para delimitar a posse, criam-se tábuas para delimitar a escrita, criam-se fronteiras e delimitam-se os acessos, os canais, alfândegas, guichês, portas. Desta forma, cria-se o fora e o dentro. Segundo Lévy (1999, p. 151), até os escribas, com “os exames e concursos erguem bandeiras em torno do saber”, isto é, cercam e restringem o acesso, pode-se dizer que cobram caro para exercer seu trabalho, pois eles são os donos, pertence a eles a informação, que está escrita ou que ainda vai ser escrita, mesmo que não sejam eles os criadores.

Comumente, a fundação e refundação dos espaços na Terra, criam o Território e conseqüentemente, inaugura um novo tempo. Sendo assim, de fato,

[...] o Território produz o tempo com o espaço. O *limes* romano, a grande muralha da China, todas as fortificações são proteções contra a aniquilação e o esquecimento, esforços para durar, permanecer, não passar. O tempo ecoa a partir da fundação da Cidade, após a instauração da dinastia. O campo cultivado, semeado, invoca a colheita, mais tarde, pelo jogo de uma diferença, de um diferimento que cria o tempo territorial. A agricultura instaura os jogos e os riscos da duração do atraso, do estoque. Eis os celeiros, os silos, os depósitos, as adegas, os tesouros enterrados, a previsão para os anos de vacas magras, a aposta sobre o futuro (LÉVY, 1999, p. 151, SIC).

A fala, em si, se perde no tempo, mas a fala escrita fortemente em papiro, segundo Lévy (1999), se perpetua, se universaliza. Conseqüentemente, a escrita fica, permanece e sucessivamente invoca posteriormente a releitura, o acesso àquela antiga fala que se perdera no tempo. Confirma-se assim que, segundo Lévy (1999), o tempo linear da história existe pela fundação do território. A história não é imemorial – Terra – mas territorial, fundada em uma outra velocidade e em outro tempo.

5.4 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO NO TERRITÓRIO

No território, os navegadores avançam para mares desconhecidos e perigosos, afirma Lévy (1999). Relatos e portulanos, já não são mais úteis a estas viagens, porque para Pierre Lévy, no Território, inicia-se a navegação astronômica. Isto é, uma verdadeira projeção de um céu sobre uma Terra.

Começa a orientação pelas marcações de pontos. Os pontos são resultados obtidos após um rigoroso estudo das posições dos astros e encontros das latitudes. O ponto é abstrato, provindo de uma coordenada celeste.

Ele tinha razão: no território, Aquiles jamais alcança a tartaruga. Não se progride no Território, só se pode marcar o ponto. Mas na Terra, constituída pelos viajantes, pelos percursos e pelas viagens, Aquiles alcança a tartaruga. Ora, como o marinheiro, Aquiles vive em ambos os espaços. Ele toma como referência e orienta-se no Território, mas progride na Terra (LÉVY, 1999, p. 161).

Com esse novo método de navegação, o trajeto desconhecido torna-se seguro e navegável. A partir daí, as acumulações de relatos gravados na memória pelas experiências das gerações, ou pelas suposições e deduções dos antigos, já não servem mais para se orientar, neste novo contexto. Os mapas terão seus pontos indexados pelo céu e espetados pela esfera dos fixos.

Os antigos relatos e os algoritmos dão lugar ao sistema astronômico. E segundo Pierre Lévy (1999), pelo céu a Terra é demarcada por vários pontos, abrindo ângulos e coordenadas, criando nossos endereços.

Para Lévy, o surgimento da escrita e a geometria, foram o marco inicial do Território. E as grandes navegações, por volta dos séculos XV e XVI, concluiu com a constituição do Território.

5.5 OBJETOS DE CONHECIMENTO DO TERRITÓRIO

O objeto de conhecimento no Território é a Terra, com todas as suas marcações e medidas astronômicas. É a geometria.

Se o Território é uma Terra medida, geometrizada, o nascimento da geometria revela uma das genealogias do Território. Pode-se ler na história de Tales uma tripla ilustração de nossa definição do Território, a saber: uma Terra fixada por um céu (LÉVY, 1999, p. 168).

O céu astronômico se torna marco inicial da Terra. Quem está mais próximo do céu, quem está mais próximo do sol, é o mais poderoso. “[...] o imperador da China é o filho do céu, o faraó e Luís XVI são reis-sóis” (LÉVY, 1999, p. 168).

Contudo, para atingir o conhecimento do céu na Terra, é necessário conhecer os livros, os mapas, os códigos astronômicos para que, a partir daí possa se orientar na Terra.

5.6 EPISTEMOLOGIA DO TERRITÓRIO

O sujeito do saber, no Território, é quem domina a escrita, são os especialistas, os interpretes, os que comandam os códigos, somente deles. Isso quer dizer que nesse espaço, o saber é de domínio reservado, ou seja, limita-se nas

mãos dos escribas. Segundo Pierre Lévy (1999, p.178), no Território, o saber é a imagem do espaço: “cercado de muros, deixa de fora os camponeses, os ignorantes”.

Comumente, os donos do saber são os que dominam os livros, os mapas. Porém, para Lévy (1999, p. 178), já antes, “o Livro contém o saber territorial. Não os livros, nem a biblioteca, mas o Livro: a Bíblia, o Corão, os textos sagrados, os clássicos, Confúcio, Aristóteles...”.

Todos os outros escritos do Território são interpretações, explicações ou deduções do Livro. Isto é, “a epistemologia, em sua maior parte, parece ter-se detido no Território” (LÉVY, 1999, p. 178). A dialética é que mantém o saber territorial. Dialética da teoria e da experiência, do racionalismo e o empirismo, do sujeito transcendente e o fenômeno, do céu e da Terra.

A Terra só está presente a final de contas, para exaltar o céu, suas leis, sua transcendência, sua universalidade. A epistemologia difunde a música das esferas, não o canto da Terra. É claro, o saber territorial mantém-se por uma dialética do céu e da Terra: sem experiência prática, nada de teoria. Mas é sempre a teoria que afirma o verdadeiro (LÉVY, 1999, p. 178).

Mesmo com todas as dialéticas, nada muda a epistemologia no Território. As dialéticas estão em um mesmo diagrama territorial. Para Lévy, toda dialética faz parte de um mesmo espaço territorial, de um mesmo afastamento vertical.

6. MERCADORIAS

O espaço das Mercadorias é o terceiro espaço antropológico no pensamento de Pierre Lévy. Ele começa a se tecer fortemente, a partir do século XVI com a inauguração do mercado mundial, devido às novas conquistas da América.

Esse espaço é um novo mundo, marcado pela veloz e evolutiva circulação de dinheiro. Segundo Pierre Lévy (1999, p. 118), não se encontra uma data específica da origem do espaço das Mercadorias, mas se sabe que este, “como resultado de uma extraordinária conjunção histórica”, reúne vários membros dispersos no tempo: surgimento da moeda, do banco, dos mercados, intercâmbios... “A dança do dinheiro traz consigo, em uma evolução acelerada, uma maré ascendente de objetos, signos e homens”.

Comumente, desde a criação da moeda, as primeiras trocas, os primeiros comércios, desde a Renascença, que vê o surgimento da imprensa no primeiro meio de comunicação de massa e porta do mercado mundial, desde o século XVIII com a Revolução Industrial e os tempos modernos se constitui a rede originária do espaço das Mercadorias.

Conseqüentemente, segundo Lévy (1999, p. 23), “o princípio ordenador do novo espaço é o fluxo: fluxo de energia, de matéria-prima, mercadorias, capitais, mão-de-obra, informações [...] A riqueza não provém do domínio das fronteiras (Território), mas do controle dos fluxos”.

O espaço das Mercadorias finaliza sua constituição com a implantação global do capitalismo. Isso, para Lévy, se dá, porque, tudo o que o capitalismo inclui em seus circuitos se transforma em mercadorias: pedra, madeira, animais, leite, pele, lã, roupa, plantas, máquinas de costura, produtos químicos, remédios,

eletrodomésticos, aparelhos de divertimentos, lojas, acumulação de bens, depósitos, shopping...

E de fato, para Pierre Lévy, desde neste espaço, o capitalismo já se institui na humanidade de tal forma que se eternizará com ela.

O capitalismo é “desterritorializante”, e o movimento da indústria e do comércio foi durante três séculos o motor da evolução das sociedades humanas [...] O capitalismo é irreversível. É daqui por a economia, e a institui como dimensão impossível de ser eliminada da existência humana (LÉVY, 1999, p. 119-120, SIC).

Os espaços antropológicos (Terra – Território – Mercadorias) jamais se sucumbirão. Da mesma maneira que até hoje há a Terra (ritos, cosmos) e o Território (escrita, astronomia), também sempre haverá o espaço das Mercadorias, e com ele a economia de bens, o capitalismo, a tecnociência.

6.1 IDENTIDADE NO ESPAÇO DAS MERCADORIAS

No espaço das Mercadorias, a identidade subjetiva, segundo Pierre Lévy (1999), se gravita em volta da família, do trabalho e do dinheiro.

Como dito, a profissão, o emprego é uma identidade nesse espaço. Mas é a fabricação, circulação e consumo de coisas, informações e imagens que dão a identificação ao indivíduo.

A partir desta construção do pensamento da identidade, que desterritorializa e até desestrutura os sistemas de sociabilidade e identidade dos espaços anteriores, surgem os signos da identidade no espaço mercantil. Para Lévy

(1999), esses signos são: renda econômica, salário, conta bancária, representações exteriores de riquezas.

Comumente, segundo Pierre Lévy (1999), o trabalho tende a se tornar um vetor de unidade social e de afirmação própria neste espaço. De fato, pois, pela profissão (trabalho, emprego) o indivíduo constrói o signo da identidade subjetiva (renda, salário, capital), e pelo signo, se posiciona no consumo e circulação de coisas, informações ou imagens (mercado).

A identidade está para economia. E segundo Pierre Lévy (1999, p. 133), “a economia é a gestão do lar, a boa organização da casa”, pois etimologicamente “a palavra economia vem, por intermédio do latim, do grego *oikos* (casa) e *nomia* (administração)”. Conseqüentemente, o indivíduo que conquista a economia é um *micro oikos*. Na família, a relação dos pais com os filhos, constrói a identidade pessoal. E dentro da família, até a transmissão dos bens materiais por herança faz parte da constituição interior da pessoa, de sua identidade. Por isso, para Lévy (1999), neste espaço, a psicologia deixou de ser uma política, para se tornar uma economia dos afetos, uma gestão das energias.

6.2 SEMIÓTICA NAS MERCADORIAS

Diferentemente do Território, na semiótica das Mercadorias, o signo perde a originalidade e a transcendência das coisas, pois, as coisas originais já não existem mais. O que existe são reproduções *mediáticas* desenfreadas que desestruturam as coisas originais e destroem a transcendência semiótica do Espaço territorial.

Aqui, não é somente a fala que se separa da originalidade viva, mas as paisagens, os ritos, os acontecimentos, as músicas, as arquiteturas, os rostos, as pessoas... Em fim,

[...] todos os tipos de acontecimentos são indefinidamente reproduzidos e difundidos fora de seu contexto de surgimento pelos livros, pela imprensa, por fotos, discos, cinema, rádio, cassetes, televisão. Multiplicado pela mídia, levado por mil vias e canais, o signo é desterritorializado (LÉVY, 1999, p. 143).

A partir dessa perspectiva, para Lévy, a imprensa e a televisão criam a realidade *mediática* que se evolui por si só, nas suas multiplicações de signos. Assim sendo, a referência da realidade neste espaço, é a *Mídiasfera*. Pierre Lévy (1999, p. 144), quer dizer, que a mídia “torna-se uma espécie de super-realidade pela qual toda fala, ou toda imagem, deve passar, caso pretenda ter eficácia”. A mídia destrona a representação.

Neste espaço, não há preocupação com o sentido ou a necessidade vital da origem do signo, simplesmente, clonam-se, proliferam-se competindo em velocidade com outro reproduzidor. Por isso, Lévy (1999, p. 144), o chama também de Espaço *mediático*.

De fato, nesse espaço, “todo o real é passado para o lado do signo” (LÉVY, 1999, p. 145), e este signo, como dito anteriormente, não remete e nem mesmo conduz à coisa originária (o primeiro real), pois, já se tornou efeitos de gravações e reproduções. Com isso, os acontecimentos, as obras e também as pessoas se tornam signos e conseqüentemente, são conhecidos, tratados, reproduzidos e difundidos como tais.

6.3 ESPAÇO E TEMPO NAS MERCADORIAS

A concepção de espaço e tempo nas mercadorias ultrapassa as fronteiras do Território e se instala nas redes, nos circuitos, nas interligações que conectam um Território a outro.

Com a globalização do capitalismo, o mundo se tornou uma rede de interconexão, na qual, um acontecimento em um ponto, afeta todas as extremidades da esfera mundial. O espaço nas Mercadorias constitui na interdependência mundial.

As ruas de uma cidade, os canais, as redes ou os pequenos fluxos, como também, as estradas, linhas de ônibus, os metrô, os bondes, as linhas dos aviões, os percursos dos foguetes espaciais, as instalações de satélites, tudo isso, descentraliza os Territórios, descentralizam os centros urbanos, as cidades.

Nesse contexto, para Pierre Lévy, as cidades já não são mais cidades. Não é o urbano que desenha a espacialidade das Mercadorias, mas sim a circulação, a desterritorialização, a aceleração dos móveis (homem, coisa, capital, signo...).

O Espaço das Mercadorias vive inteiramente no *interior* de seus circuitos, na autoestrada ou no trem, não na paisagem pela qual se passou; no avião, não na cidade próxima ao aeroporto. É o espaço intensivo dos móveis, um espaço-movimento em que se usufrui a rapidez, a aceleração, a ubiquidade, os contatos instantâneos (LÉVY, 1999, p. 152).

Nesse Espaço, as distâncias, sejam quais forem, não têm relevância alguma, nada valem. Pois, o que caracteriza as Mercadorias é a velocidade dos fluxos. A velocidade aqui é tudo. Por isso, o espaço nas Mercadorias é considerado espaço-movimento.

O tempo, no Espaço das Mercadorias, é constituído dentro dos circuitos, dentro da velocidade. Na esfera das telecomunicações e da informática, o tempo, segundo Lévy (1999, p. 152-153), “designa a imediatez da transmissão, do cálculo e da resposta, o tratamento e a apresentação instantânea das informações”. Por isso, nas mercadorias, o tempo é o *tempo real*, o qual move o *espaço-tempo*.

Para Pierre Lévy (1999, p. 153), “o tempo real é a realidade do tempo mercantil”. Um tempo paralelo, pontual, simultâneo, o tempo limite das acelerações.

6.4 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO NAS MERCADORIAS

Com os efeitos e as circulações que operam no espaço das mercadorias se torna impossível fixar os pontos (mapas, seres, coisas) em um sistema de navegação nesse espaço. De fato, nas mercadorias, tudo flutua, se move, muda, e por isso, de acordo com Pierre Lévy (1999, p. 162), o indivíduo deve tomar conhecimentos de diversos números e pontos, pois, nesse espaço, só se navega com segurança após dar-se conta do “fluxo heterogêneo e múltiplo de conhecimentos” que o constitui.

A partir de todo esses movimentos e circulações, pode-se perguntar: como será possível navegar sem nenhum ponto fixo no oceano? Essa interrogação faz parte do processo de entendimento e assimilação das Mercadorias, pois para Pierre Lévy, não há mais ponto fixo para orientar a navegação, mas, nas mercadorias só se navega com segurança a partir das estatísticas e probabilidades já existentes. Por isso é preciso o conhecimento diverso.

O perfil estatístico mascara os relatos singulares. Os processos são relacionados a equilíbrios molares, a estados. Pela etimologia, a estatística não é, justamente, a ciência dos Estados? As configurações dinâmicas são reduzidas a médias, as estratégias são submetidas à lei dos grandes números, às probabilidades. As qualidades são reduzidas a quantidades (LÉVY, 1999, p. 163).

Mas, mesmo com todos os instrumentos de estatísticas e probabilidades, por mais necessários que sejam na ausência de outros meios de orientações para a navegação mercantil, segundo Lévy, suas imperfeições são reveladas.

6.5 OBJETOS DE CONHECIMENTO DAS MERCADORIAS

Os objetos de conhecimentos do Espaço das Mercadorias não são mais a geometria e os pontos fixos. Aqui, como já dito anteriormente, os objetos não estão mais fixos, mas sim em constante mudanças, em fluxos, e por isso, estes devem ser estudados e conhecidos.

O objeto privilegiado nesse espaço, segundo Pierre Lévy (1999, p. 168), é “a produção e o consumo das mercadorias”. O fluxo da economia é o objeto que mais atrai a atenção.

Se Marx fez da economia a “infra-estrutura” das sociedades humanas, e do exame dos “modos de produção” a chave da análise histórica, foi porque, no século XIX, o espaço dominante era efetivamente o das mercadorias (LÉVY, 1999, p. 121, SIC).

Se no século XIX Marx organiza a história humana pela base econômica, como visto, a economia era, de maneira diferentemente, o objeto privilegiado. Esse privilégio é visto até hoje. Basta ver a intensa preocupação que há nos mercados, nas bolsas de valores, no controle constante do fluxo do dólar, do real, do euro.

Porém, segundo Lévy, não há somente a economia como objeto de conhecimento no Espaço das Mercadorias.

Mas para pensar a si mesmo, o terceiro espaço não pode se contentar em desenhar as variações e os percursos da moeda, dos bens e das pessoas. Deve igualmente poder apreender o mundo acelerado, caótico, incerto que descobre a desterritorialização. Os objetos do Espaço mercantil não são, portanto, apenas os da economia, mas também tudo o que se difunde, ecoa, flutua, transforma-se e perde-se, tudo o que alimenta suas máquinas e gira em seus circuitos (LÉVY, 1999, p. 169).

O avanço termodinâmico no século XIX e o desenvolvimento das telecomunicações, como das máquinas eletrônicas no século XX, iniciam uma rigorosa circulação de signos nas redes técnicas.

Continuando a análise histórica, Lévy (1999) afirma que, na Revolução Industrial a termodinâmica revolucionou o mundo. A nova maneira de organizar o trabalho, de organizar a vida, de organizar a economia dentro das exigências do conhecimento e aprimoramento da técnica.

A mesma coisa aconteceu no século XX com o estouro das telecomunicações e das máquinas eletrônicas. Estas com transformações e aprimoramentos mais velozes e constantes, gera um grande fluxo de signos como: mensagem, imagem, som, conhecimento, dinheiro, matéria... Há uma mudança pontual de espaço e tempo.

Para Pierre Lévy (1999, p. 170), “assim como a Terra era tátil e o Território visual, o terceiro Espaço, câmara de eco, ressoa todos os sons”.

6.6 EPISTEMOLOGIAS DAS MERCADORIAS

No espaço mercantil, os sujeitos do saber não são mais os anciãos, e nem os comentadores ou os escribas, mas a tecnociência, entendida por Pierre Lévy (1999) como um complexo, um fluxo de transformações e inovações no universo infinito da pesquisa, dos laboratórios. Tecnociência é a verdadeira construção do conhecimento moderno, da técnica, a qual é utilizada e fortemente predominante até hoje.

Continuamente, o conhecimento, no espaço das Mercadorias, transita, passa de uma ciência para a outra, de uma geração para outra e volta transformado para ir novamente. Nesse contexto, segundo Lévy (1999), o livro já não é o centro do saber, e a memória humana já não tem tanto valor em armazenar conteúdos, mas o que ordena o conhecimento no espaço mercantil é a enciclopédia. Conteúdos, circulação do saber em várias áreas, pesquisas, artigos, periódicos científicos, seminários, conferências, grupos de estudos, intercâmbios internacionais, tudo isso, segundo Pierre Lévy, ultrapassa as fronteiras do livro e acaba se alojando nas enciclopédias.

Segundo Diderot e d'Alembert, citado por Lévy (1999), a enciclopédia possui uma estrutura organizacional desordenada, o que dificulta o acesso rápido ao conhecimento. Devido ao fato, viu-se a necessidade de ordenar, de organizar a enciclopédia. A partir daí, surgiu, segundo Lévy (1993), o hipertexto, a verdadeira enciclopédia organizada. No hipertexto o texto, pelas referências e citações, contém outros vários textos, outros vários conhecimentos, outros estudos, outras pesquisas, em fim, pelo hipertexto se chega a vários outros espaços em um tempo não linear. Todos estes outros textos oferecidos no hipertexto são para ampliar, fundamentar, provar o conteúdo apresentado no texto.

O hipertexto, hoje, é como que indispensável na redação de um texto, principalmente se científico. Ou melhor, afirma Lévy (1999), o hipertexto é o suporte que sustenta toda uma rede de saber, relatos, descobertas, vidas. É o suporte da tecnociência, é o suporte da epistemologia mercantil.

7. ESPAÇO DO SABER

Para iniciar este sétimo capítulo é necessário saber que, para Pierre Lévy (1999) está bem claro que o espaço do Saber não existe, é uma utopia. Porém, pelo fato de ser uma utopia, por ainda não existir como ato, o espaço do Saber é virtual. Isso quer dizer que, virtualmente ele já está presente, em potência, na expectativa de um vir-a-ser ato, fato. Mas o que de mais importante este capítulo tem a apresentar é o suporte e a estrutura da inteligência coletiva no pensamento de Pierre Lévy.

Então, como dito no parágrafo anterior, o quarto espaço não existe. Mas essa afirmação não termina assim, pois, o espaço do Saber não existe somente no sentido de autonomia, ou seja, isso quer dizer, que em outros sentidos, como o da virtualidade, sua presença é eterna, isto é, o espaço do Saber para Lévy (1999) sempre existiu.

Este quarto espaço é visto também por Lévy (1998) como uma semente que está se transformando em árvore, mas ainda não é uma árvore, porém já deixou de ser totalmente semente. Neste momento, nada está definido ou determinado, pode ser que a árvore se desenvolva, mas também pode ser que não, contudo, ela jamais voltará a ser semente. Caso esta árvore cresça e ganhe vida, ela se constituirá pela inteligência coletiva. Será pelas relações humanas, pelos laços sociais, de pessoas distintas que ela se solidificará.

Como se sabe, desde o primeiro capítulo, Lévy (1996, p. 95) defende que o “ser humano não pensa sozinho”. A linguagem, os sistemas de signos, as formas de comunicação, as maneiras de ver o mundo, as maneiras de viver, tudo isso, perpassa os tempos por uma tradição histórica chegando até o presente e conseqüentemente constituirá o futuro. O pensamento é histórico, isto é, há toda uma sociedade cosmopolita pensando dentro de nós. Para Lévy, está mais do que claro que, tudo o que aprendemos e sabemos é fruto de uma construção histórica desde a origem, desde a Terra. Sendo assim, pode-se dizer que a coletividade pensa em nós, porém, somos todos diferentes.

Neste momento, é importante lembrar que no pensamento de Lévy (1995), cada ser humano é um mundo diferente, são conhecimentos diferentes, porque cada pessoa é diferente, cada pessoa é um universo a ser descoberto. Esse conhecimento, não se trata somente do conhecimento científico, esse limitado uso da razão, mas do conhecimento que qualifica a espécie *homo sapiens*. No espaço do Saber o conhecimento é entendido como um *savoir-vivre* ou um *vivre-savoir*, que segundo Lévy (1999, p. 121), é “co-extensivo à vida”, porque engloba em si a completude humana, na sua história e naquilo tudo que ela pode oferecer. Este saber, é a nossa inteligência, é a inteligência humana, o saber viver.

É a partir dessa compreensão de mundo, que nasce a inteligência coletiva pensada por Pierre Lévy, a qual, a primeiro momento, segundo Lévy (2002), pretende reunir as diferentes forças de cada ser humano, naquilo que lhe cabe doar, para pensar em conjunto, aumentando as competências cognitivas, sociais e políticas de cada um e de todos ao mesmo tempo.

Essa mega interligação de saber só é possível dentro de um novo espaço antropológico. O Espaço do Saber. A inteligência coletiva, segundo Lévy (1999),

habita no Espaço do Saber e lá inventa sua própria língua, constrói seu próprio universo e cria formas diferentes de se comunicar, de trabalhar, de viver. O quarto espaço só o é pela inteligência coletiva.

Mas, como será possível interligar o mundo todo, em seus pensamentos, laços sociais e políticos? É simples, com a informática, que é para Lévy (1993, 256), surge a possibilidade de uma interconexão mundial das pessoas em tempo real. Para Pierre Lévy (1998), isso não é problema, segundo ele, o mundo já está interligado e o fato de que, numa visão global, ainda são poucas as pessoas no mundo que têm acesso à Internet, não intimida o novo espaço. Esse fato deve ser tratado a partir de uma visão histórica, pois a Internet, como fenômeno social, existe há duas décadas e seu desenvolvimento mundial vem sendo altamente considerado, o que nos leva a projetar o avanço. Portanto, segundo Lévy (2002), “não podemos ser impacientes e nos escandalizarmos com o fato de que a maioria da população não está conectada. O que é preciso observar é a velocidade com que a curva de conexões aumenta, e isso, já é notável”. O que Lévy quer apresentar é que diante de toda a velocidade das transformações no campo da tecnologia da informação, o mundo precisa de cabeças pensantes, otimistas e compromissados com a vida do ser humano.

7.1 IDENTIDADE NO ESPAÇO DO SABER

O espaço do Saber só vem criar consistência no fim do século XX com as redes digitais e os universos virtuais. Neste espaço, Pierre Lévy (1999) entende que a identidade do indivíduo é constituída por imagens dinâmicas, sendo essas

mesmas, geradas por meio de navegação, transformação e exploração das realidades virtuais. Essas realidades virtuais, que são os próprios intelectuais coletivos, criam suas identidades, pois, estão em constante contato com novos saberes, e por isso, aprendem e se renovam o tempo todo.

Conseqüentemente, os intelectuais coletivos são criadores do seu próprio cosmo, cada um é um universo virtual, por isso, Pierre Lévy tem bem claro que, não é mais possível separar a exploração da construção do mundo virtual. Ao explorar o intelectual coletivo se constrói em significações e conhecimentos no Espaço do Saber. Como se sabe, o intelectual coletivo habita no mundo virtual, mas, porém, se remete a um espaço real, que é o *savoir-vivre*. Contudo, para Lévy (1999), é no mundo virtual que a inteligência coletiva se constrói e se desenvolve, constituindo, assim também, o *savoir-vivre* que é real.

De fato, a identidade no Espaço do Saber se exprime no mundo virtual. Por isso, quantos corpos virtuais o indivíduo possuir, tal será o seu número de identidades no Espaço.

Na Terra o homem é um *micro cosmo*; no Território, é uma *micro polis*; no espaço mercantil, eis que ele se torna um *micro oikos*, uma pequena casa; no Espaço do Saber, o humano se restringe ainda mais: não é mais do que um cérebro. Mesmo seu corpo se torna um sistema cognitivo (LÉVY, 1999, p. 135).

Comumente, pela coletividade, os cérebros dos indivíduos pensantes entram em contato uns com os outros e pelos sistemas de signos – linguagens ou representações – exploram e criam mundos diferentes, convertendo o indivíduo em um *poli cosmo*, em um *poli mundo*, em *poli vivre*.

É justamente esse *poli cosmo*, com todos os seus sistemas de representações – signos, linguagem, brasões – que constitui a identidade no Espaço

do Saber. A partir dessa perspectiva, de acordo com Pierre Lévy (1999), o espaço do Saber vem a ser uma volta a Terra, mas não à primeira Terra (*microcosmo*), mas a uma nova Terra, um novo universo, onde o indivíduo volta a ser nômade, e a possuir diversas identidades por explorar diversos universos. Em fim, conclui Lévy (1999), que no espaço do Saber, o próprio indivíduo é heterogêneo, é múltiplo, é um devir pensante, é passivo e ativo ao mesmo tempo, ensina e aprende, conhece e se deixa conhecer.

7.2 A SEMIÓTICA NO ESPAÇO DO SABER

Nas mercadorias, como se sabe, já não existia o real, eram tudo cópias, plágios, reconstrução da reconstrução dos signos. Aqui, no espaço do Saber, as coisas voltam a existir, voltam a ter significados, porque, de acordo com Pierre Lévy (1999), é real tudo o que envolve as realidades práticas, intelectuais e imaginárias dos sujeitos vivos, não importa qual seja.

No espaço do Saber, os signos não deixaram de se multiplicarem, de se transformarem. Pelo contrário, aqui, as transformações são mais velozes, mais freqüentes, e é justamente dessa forma, que se constrói a semiótica do Saber. Todas as transformações, diferentemente do espaço mercantil, existem, são reais, e possuem uma super importância ao indivíduo, porque, são por elas, são pelos signos – mesmo que muitos – que o indivíduo ganha sua existência.

Cada indivíduo terá vários signos e todos com alta significatividade e referência, esse é o diferencial. Ao deparar com o universo do Espaço do Saber, estarão presentes vários e diversos signos, que significam diversas pessoas com seus variados significados. É justamente aí, diante dessa diversidade de signos – reais – que os mundos de significações são partilhados e a inteligência coletiva se firma.

Agora, é importante repetir sempre que, para Pierre Lévy (1999, p. 145, SIC), “o Espaço do Saber é justamente essa realidade virtual, essa utopia já presente em manchas, em pontilhado, em potência em todo lugar onde os seres humanos sonham, pensam, agem juntos” por meio de seus diversos signos.

Diante de uma grande variedade de significações – signos – existentes no espaço do Saber em constante mutação, criam-se uma forte exigência de organização, pois os intelectuais coletivos agem, se constroem e se identificam nessa constante mutação.

Essas mutações ocorrem com os signos, que representam os indivíduos, que por sinal, são cérebros pensantes em uma constante mutação, que no Espaço do Saber, estão constantemente em contato com os outros. Devido ao fato, segundo Lévy (1999), a imagem do signo torna-se um instrumento fortíssimo de conhecimento, vindo a ser mais poderoso que o texto.

O mundo, no quarto espaço, só existe para o homem, nas representações significativas, chamadas por Lévy (1995, p. 30) de “*brasão*”.

7.3 TEMPO E ESPAÇO NO SABER

“No Espaço do Saber, os intelectuais coletivos produzem suas próprias durações, os indivíduos reapropriam-se de suas temporalidades subjetivas”, isso quer dizer, que como no Território, o tempo está sobre procriação dos indivíduos (LÉVY, 1999, p. 153). Porém, o que se diferencia no Espaço do Saber, é que nele o tempo não é mais exterior ao indivíduo – cosmos, fundações, relógios, calendários – como nos outros espaços.

Segundo Lévy (1999), no quarto espaço antropológico, o tempo é interior ao indivíduo e, sendo interior ao indivíduo, o tempo no Espaço do Saber não é somente um tempo, mas são vários tempos.

Durações rápidas, intensas, inteiramente contidas num ímpeto; calma, tranqüilidade das maturações coletivas: essas velocidades, essas lentidões não possuem relação alguma com o relógio ou o calendário, só se referem a si mesma, são qualidades do ser. No Espaço do Saber, os tempos escoam de todas as fontes vivas e misturam-se. Os tempos brotam e respondem-se como ritmos (LÉVY, 1999, p. 154, SIC).

De fato, aqui, o tempo não é mais o do relógio, ou do calendário, não é o tempo do emprego, das máquinas, o tempo mecânico, o tempo dos transportes, não é o tempo vazio que não se preenche ou não se ocupa, como também, não é o tempo roubado, nem o da clausura, nem o da solidão. Em fim, aqui, no quarto espaço, o tempo interno ao indivíduo se torna tempos, como já dito, que pela união das subjetividades compõem o coletivo. Isso se torna claro nas aplicações em *As árvores de conhecimentos*.

Os brasões cognitivos e individuais das árvores de conhecimentos, não se relacionam com o tempo do calendário, isso quer dizer, que o tempo no Espaço do Saber não é registrado ao se obter um brasão, pois, “já não registram sequer as ordens de obtenção individuais, mas se relacionam as competências de cada um a

uma ordem coletiva”, isso porque, a temporalidade no Saber não é em si mesma, somente individual, mas sua subjetividade deve ser considerada para que haja uma composição coletiva de um espaço comum (LÉVY, 1999, p. 154-155, *S/C*).

O tempo no espaço do Saber é um tempo-espaço. O espaço no Saber é dinâmico e de constante mudança, segundo Lévy (1999, p. 156) “o espaço do Saber está sempre em estado nascente”, isto é, trata-se de um espaço vivo de signos, brasões e várias representações. Quem constrói esse espaço – de signos e brasões – são os tempos unificados dos pensamentos dos intelectuais subjetivos, quem sonham, erram e acertam juntos.

7.4 INSTRUMENTOS DE NAVEGAÇÃO NO ESPAÇO DO SABER

A velocidade é uma das principais características do espaço do Saber. É muito rápida a evolução dos saberes e por isso, segundo Pierre Lévy (1999, p. 25), “o saber lidera as outras evoluções da vida social” deste espaço. Devido à alta velocidade e a forte influência na vida social, o espaço do Saber precisa de um cuidado especial, segurança, proteção e orientação.

Tendo consciência dessas necessidades, Pierre Lévy, juntamente com Michel Authier, propuseram para este espaço um novo instrumento de navegação, o qual se chama *cinemapa*. Isto é, um instrumento de mapeamento que, dentre várias funções, organiza e identifica os intelectuais coletivos na constante mutação do Espaço.

No cinemapa, cada pessoa e cada objeto podem ser visualizados. E após todas as pessoas e objetos serem mapeados, eles poderão ser estudados, projetados e organizados qualitativamente, porque “o cinemapa desenvolve o espaço qualitativo” e não o quantitativo. “Os valores, surgindo do uso coletivo, são

visíveis no cinemapa por meio de cores”, sendo assim, todos os intelectuais coletivos podem se situar pessoalmente no cinemapa que serão reconhecidos pela sua singularidade (LÉVY, 1999, p. 164).

Por ser qualitativo e interativo, o cinemapa visualiza e organiza todas as singularidades dos intelectuais coletivos, diferenciando-as em cores, ícones e signos específicos.

O cinemapa é um mosaico móvel, em permanente recomposição, no qual cada fragmento já é uma figura completa, mas que só adquire, a cada instante, seu sentido e seu valor em uma configuração geral. E, por trás de cada ponto-signo, hipertextos, mensagens informam adiante, incitam a investigação mais profunda, fornecem detalhadamente o catálogo dos recursos necessários às navegações no Espaço do Saber (LÉVY, 1999, p. 164).

É somente por meio do cinemapa que se explora a macrosingularidade dos intelectivos. Essa macrosingularidade está em constante mudança, conseqüentemente o cinemapa também constantemente muda qualitativamente.

O indivíduo no cinemapa pode ser um objeto-ator, quer dizer, ao mesmo tempo, que o indivíduo é objeto e se faz um ícone no cinemapa, ele também contribui, como ator, para estruturar e organizar o cinemapa.

[...] os indivíduos ainda se inscrevem no cinemapa por suas preferências, seus interesses, suas relações com os objetos do universo informacional. Sua posição sobre o cinemapa, desta vez indireta, poderá novamente ser visualizada mediante uma atribuição de atributos, uma configuração de signos-pontos (LÉVY, 1999, p. 165).

Comumente, o cinemapa orienta, organiza, prepara itinerário, estratégias, além de valorizar todos os indivíduos coletivos de forma específica. Segundo Lévy (1999, p. 165), “o cinemapa permite ler uma situação, uma configuração dinâmica,

um espaço de significações comuns”. Essa explicação é dada detalhadamente por *Amandine* ao apresentar ao seu pai e à Françoise o surgimento dos brasões e como se organiza a árvore de conhecimento da sua escola criada pela sua professora na primeira fábula de *As árvores de conhecimentos* de Authier e Lévy (1995).

Em *As tecnologias da inteligência*, no capítulo cinco, Pierre Lévy (1993) apresenta uma jovem psicóloga de Lyon, especialista em Psicologia do ensino, que também, cria um estilo de cinemapa. Ela utiliza uma ideografia informática dinâmica para ensinar e formar pessoas. Mas, tudo isso, acontece por signos, representações e podem-se dizer brasões, tudo registrado em programas de informática, como na *A inteligência coletiva* e em *As árvores de conhecimentos*.

Ao invés de cinemapar os intelectuais coletivos e seus *savoir-faire*, a psicóloga das *tecnologias da inteligência*, registra o desenvolvimento e o processo de problemas psíquicos dos seus pacientes. Esses “cinemapas” das *tecnologias da inteligência* se chamam *Groupware*..

Agora, o “cinemapa” é reconhecido verdadeiramente na obra *A ideografia dinâmica*, a qual se ocupa em desenvolver as aplicações dos programas geradores de ideogramas e redes semânticas que são utilizadas nos meios comunicação e nos métodos cognitivos das tecnologias intelectuais. A ideografia dinâmica pode ser entendida também, como groupware – “instrumento para a cooperação e comunicação entre grupos” (LÉVY, 1998, p. 21).

Ao utilizar um cinemapa, um grupo humano constitui-se, precisamente, em intelectual coletivo. Reciprocamente, o cinemapa é uma realidade virtual, um *ciberespaço* engendrado pelas atividades exploratórias de um intelectual coletivo no interior de um universo informacional (LÉVY, 1999, p. 165).

O cinemapa da *inteligência coletiva* desenha o espaço do Saber e se torna o reflexo da subjetividade coletiva ordenada e valorizada.

7.5 OBJETOS DE CONHECIMENTO DO ESPAÇO DO SABER

No espaço do Saber, o sujeito pensante perde seu espaço para o intelectual coletivo, pois conforme Lévy (1993) quem hoje domina o saber, não é o sujeito diplomado, titulado, gabaritado, consagrado. Isso quer dizer, que para Pierre Lévy (1993, p. 135), o saber não está mais em um indivíduo – o doutor – mas sim, numa “rede na qual neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores se interconectam, transformam e traduzem as representações”. Como já visto, é nesse contexto que se funda a inteligência coletiva.

Devido ao fato, é que o sujeito no espaço do Saber não morre, pelo contrário, fortalece, pois se quebram as correntes que limitam o indivíduo e o conhecimento se alastra ao coletivo. Para Pierre Lévy (1999), o sujeito aqui está na coletividade, está no intelectual coletivo, o sujeito é a inteligência coletiva.

O que é preciso ter bem claro é que para Lévy, a coletividade não rompe com a singularidade humana, pelo contrário, o outro terá uma super importância, pois sua singularidade é que constrói a coletividade e isso é mais necessário do que nunca para a construção do espaço do Saber, pois as relações entre as singularidades qualificam as próprias singularidades e ao mesmo tempo constroem a inteligência coletiva.

Segundo Pierre Lévy (1996), essas novas relações são fundadas sobre a reciprocidade e o respeito das singularidades. E de acordo com Lévy (2002), a inteligência coletiva, tal como o espaço do Saber, só se desenvolverá com a presença dessa relação entre as singularidades, e que ela seja de dois caráter, competitiva e ao mesmo tempo cooperativa. Contudo, tem-se claro Lévy (1999, p. 30) que, “o ideal da inteligência coletiva implica a valorização técnica, econômica, jurídica e humana de uma inteligência distribuída por toda parte”.

Agora, tendo como sujeito a coletividade intelectual com suas respeitadas inter-relações, cabe a interrogação ao quarto Espaço, sobre, qual é o objeto de conhecimento dessa coletividade inteligente, ou qual o objeto dessa tal inteligência coletiva?

Para Pierre Lévy, está bem claro, pois segundo ele, o objeto da inteligência coletiva deve ser o mesmo para todos, mas, ao mesmo tempo, diferente para cada indivíduo, pois, qualquer indivíduo pode agir sobre ele – o objeto – porque, “o objeto não apenas permite levar o todo até o indivíduo, mas também implicar o indivíduo no todo” (LÉVY, 1996, p. 130, SIC).

Sendo assim, o objeto de conhecimento do espaço do Saber é o próprio universo do espaço do Saber e por isso, é chamado por Lévy (1996, p. 132) de “objetos-mundo”.

Agora, dentre os objetos deste Espaço, existem para Pierre Lévy (1999, p. 170) “os privilegiados”, os quais são os intelectuais coletivos e seus mundos. Sendo que na verdade, para Lévy (1999, p. 175), como se sabe, os objetos são também os mesmos sujeitos desse Espaço, pois, “no quarto espaço, o sujeito coletivo do conhecimento, mergulha em seu objeto, ou seja, em seu mundo, como em um meio de vida do qual depende, e para cuja construção ele contribui”.

Comumente, esse objeto não é estável e nem objetivo, isso quer dizer, o objeto de conhecimento do Espaço do Saber não é objetivo, mas o contrário, pois no próprio objeto – a inteligência coletiva com suas inter-relações – está inseparavelmente implicado a subjetividade, como já vimos anteriormente.

Como já dito há pouco, aqui, o sujeito coletivo mergulha em seu objeto, em seu mundo de vida, para construir a si próprio Lévy, sendo assim, conclui Pierre Lévy que:

Esses objetos-mundo por vir, vetores de inteligência coletiva, deverão tornar sensível a cada indivíduo os efeitos coletivos de suas ações. Capazes de trazer à vida a imensidão junto ao indivíduo, eles deverão sobretudo implicar cada um, levar em conta cada localidade singular na intotalizável dinâmica do conjunto. A objetividade na escala do mundo só surgirá se for mantida por todos, se circular entre as nações e fizer a humanidade crescer em cultura (LÉVY, 1996, p. 132, SIC).

Com todas as pretensões, Pierre Lévy (1999, p. 179) relaciona o objeto de conhecimento privilegiado do quarto espaço ao “devir-começo eterno da Terra”.

7.6 EPISTEMOLOGIAS DO ESPAÇO DO SABER

No espaço do Saber, o conhecimento se torna imanente ao intelectual coletivo, “uma imanência sem unidade nem código”, um *savoir-vivre* que por sinal é por essência coletivo, pois, como já sabemos, “é impossível que um só ser humano, ou mesmo um grupo, domine todos os conhecimentos, todas as competências” (LÉVY, 1999, p. 181).

Pela lógica do pré-escrito, os coletivos intelectuais estão em permanente composição e decomposição, sendo que, nesse Espaço, o sujeito é constituído por

sua Enciclopédia porque, o saber, diz Pierre Lévy (1999, p. 181), “é um saber de vida, um saber vivo”, o sujeito é aquilo que ele saber.

É devido a essa reciprocidade entre a identidade e o conhecimento que esse Espaço se chama espaço antropológico do Saber.

Na linguagem filosófica inaugurada por Kant, abandonou-se a ontologia, ou pensamento do ser, para uma dedicação única à epistemologia, à teoria do conhecimento. A contrapelo do criticismo kantiano, a perspectiva aberta pelos intelectuais coletivos faz a epistemologia desembocar na ontologia: tantas as qualidades de ser quanta as maneiras de conhecer (LÉVY, 1999, p. 181).

A enciclopédia, somente como círculo de conhecimentos, é a típica forma da totalidade de saber que surgiu com a escrita e atingiu de cheio o espaço das mercadorias, mas que não é contemplada no espaço do Saber. Por isso, Pierre Lévy com Michel Serres criaram um tipo de organizador do saber para o Espaço do Saber e denominaram *cosmopédia*. A cosmopédia, em sua grande parte, repousa “nas possibilidades para a representação e gestão dinâmica dos conhecimentos” oferecidas pela informática (LÉVY, 1999, p. 182).

Para Lévy (1999, p. 182), a cosmopédia se encontra em “um espaço multidimensional de representações dinâmicas e interativas”, porque ela mesma “contém tantas semióticas e tipos de representações quanto se pode encontrar no mundo”.

A nosso ver, a principal característica da cosmopédia, é o que constitui o preço, é precisamente a não-separação. Para os intelectuais coletivos, o saber é um *continuum*, uma grande colcha de retalhos em que cada ponto pode ser costurado em qualquer outro. A cosmopédia desmaterializa as separações entre os saberes [...] entra uma topologia *contínua* e dinâmica (LÉVY, 1999, p. 182-183).

No pensamento de Pierre Lévy (1999, p. 183), os coletivos pensantes têm os seus saberes materializados “em uma imensa imagem eletrônica pluridimensional, quase viva em perpétua metamorfose, florescendo os ritmos das invenções, das descobertas”. Além de ter à sua disposição todo um conceito de conhecimento, os intelectuais coletivos, segundo Lévy, têm na cosmopédia, um lugar central de discussão, de aprendizado, de negociação e de elaboração coletiva.

Na cosmopédia, toda leitura é uma escrita. A cosmopédia é uma espécie de espaço relativista submetido à consulta e à inscrição. A inscrição propriamente dita efetua uma “cirurgia” (cortes, costuras, enxertos, operações descontínuas em geral); a consulta, por sua vez, equivale a uma massagem / dobra do espaço (inflexões, operações contínuas). As questões, as interrogações sem repostas tencionam o espaço cosmopédico, assinalam as zonas que invocam a criação, a inovação (LÉVY, 1999, p. 183).

A cosmopédia, em sua colocação teórica, impacta a primeiro momento, uma verdadeira desorganização, um lugar onde qualquer indivíduo pode entrar e interferir, isso gera como que imanente a idéia de desordem total. Porém, Pierre Lévy contrapõe essa idéia que, segundo ele, é provinda de desconhecimento e medo da cosmopédia.

O conhecimento, de acordo com Lévy (1999, p. 183-184, SIC), nasce na cosmopédia, nas relações, nos vínculos e ligações entre os enunciados dos coletivos inteligentes, porém, “a situação, o contexto, tudo o que diz respeito a uma proposição, não precisam mais ser explicados por meio de discursos”, pois já “estão implicados na forma móvel da imagem”, sendo assim, todo o contexto do indivíduo e também suas competências já “estão sempre *presentes*”. É dessa maneira que Lévy contrapõe a idéia errônea de desordem na cosmopédia, e afirma está apresentando um sistema simplificado e ordenado.

O intelectual coletivo forma, amassa, aplaina, esculpi a imagem de seu saber e de seu mundo, em vez de traduzi-lo discursivamente. Repitamos, a simplificação resulta da considerável redução da parte de texto na exposição do saber, *graças à implicação das informações sobre as relações na forma do “espaço-cosmopédia”* (LÉVY, 1999, p. 184, SIC).

É importante, diante dessa complexa organização de presença e significação, voltar a atenção para a presença da cultura na cosmopédia. Aliás, qual é a sua localidade na cosmopédia? Pierre Lévy (1999, p. 187), reconhece que “no grupo do saber, os pensamentos são mundos em estado nascente”, e estes mundos são construídos pelo *savoir-vivre* de cada indivíduo e, como já sabemos, este *savoir-vivre* é constituído pela cultura. Portanto, a cultura está implantada no brasão de cada indivíduo na cosmopédia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pierre Lévy reconhece que o seu pensamento é uma utopia, é indeterminado, ainda não tem um lugar fixo para se desenvolver, mas, contudo, existe, está vivo como potência e aos poucos vai conquistando seu lugar, seu espaço. Porém, Pierre Lévy quer se iniciar nesse novo espaço, valorizando o que de melhor existe no mundo, o ser humano.

Sem o ser humano não se pode pensar em um novo espaço, em uma inteligência coletiva, pois não seria outro senão o ser humano o centro do pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy. Inteligência coletiva, não é somente interligar as subjetividades em tempo real de maneira não totalitária, valorizando cada indivíduo naquilo que é e que sabe, em busca do conhecimento e de uma melhor proposta para resolver problemas do mundo. Mas, a coletividade inteligente, para Lévy, vem responder a uma filosofia humanista, um novo humanismo, no qual o ser humano é impulsionado para um futuro de liberdade e cooperatividade.

A inteligência não pode ser reservada somente a uma minoria, pois ela é de todos, é da humanidade. Todo o conhecimento está na humanidade e a ela pertence, mas o homem é o centro da humanidade e por isso, a telecomunicação, com a Internet, é o eixo da inteligência coletiva, é a técnica que possibilitará cada integrante do mundo colocar em comum sua inteligência e esta ser absorvida por todos e transformada por cada um, visando uma unidade intersubjetiva, na qual a inteligência de um é também a inteligência de todos, esse é novo humanismo, onde cada um é reconhecido, valorizado e livre para construir.

Pierre Lévy, não é a favor de tudo o que tem, ou que se oferece na Internet, mas sim, é a favor da possibilidade que ela oferece de construir um novo

mundo, mais humano, mais transparente, mais livre e mais fraterno. É para esse caminho que Pierre Lévy quer despertar o mundo, é nisso que ele acredita. Lévy, não um otimista das máquinas, das empresas, da elite, do poder, Lévy é um otimista do ser humano, de sua liberdade, de sua capacidade interior e por isso, apresenta uma proposta de inteligência coletiva e não uma inteligência da minoria, dos ricos, dos poderosos, da elite, e este é o maior motivo das críticas feitas a Lévy.

Quanto às críticas, Pierre Lévy reconhece que é muito criticado, porém, segundo Lévy (1999 B), não são as pessoas pobres, ou as de classe média, nem os intelectuais trabalhadores, que são os maiores críticos do seu pensamento, mas sim, a elite, os ricos, os burgueses, e todos aqueles que se encontram em algum poder, incluindo principalmente os intelectuais, os quais todos, agora, diante da sua proposta humanista, coletiva e libertária, se vêem inseguros de seus tronos, de seus sistemas totalitários e opressores, que excluía e explorava.

Contudo, Lévy não desanima de propor uma inteligência coletiva porque o que importa para ele é a liberdade, a qual, pela tecnologia, é capaz de possibilitar cada ser humano expressar a si mesmo e ao coletivo. O centro é a liberdade, o humano – *savoir-vivre* – a responsabilidade. Hoje, a Internet já nos coloca em uma posição de responsabilidade de escolha e valor, sentido e significado de tudo o que se busca e de tudo o que se disponibiliza nela. Para muitos é angustiante e pavoroso estar diante de um universo livre, que é a Internet, mas, segundo Lévy (2001, DVD), devemos acostumarmo-nos à responsabilidade da liberdade. Para Zwarg, Lévy defende que,

cada qual, deverá assumir as responsabilidades da liberdade comunicativa proporcionada pelas tecnologias da informação em prol da criação de novas formas de viver. Do contrário, encontraria o humano somente a mecanização artificial, resultando em estagnação e morte (ZWARG, 2005, p. 85).

A inteligência coletiva é a busca de conceder uma possibilidade de liberdade ao mundo que se constrói juntos pelo respeito e valor de cada ser humano.

Com essa nova concepção de mundo, o centro das relações não será mais o dinheiro, ou a posse de poder, mas sim, o conhecimento, a sabedoria, que por sinal não estará presa nas mãos dos intelectuais elitistas e nem das instituições, mas estará nas mãos da coletividade inteligente, lá onde todos são reconhecidos e valorizados na construção de um novo tempo.

Em suma, com a proposta de apresentar e fundamentar o pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy, o trabalho acredita ter atingido seu objetivo principal, mesmo sabendo de todas as limitações de obras, traduções, comentários e conteúdos sobre Lévy. Porém, a maior limitação, que evitou que este trabalho atingisse um melhor resultado, não foi quanto aos materiais bibliográficos de Pierre Lévy, mas sim, quanto ao desacorrentar das concepções e das visões preconceituosas a respeito das novas tecnologias, influenciadas por muitos fatores, por exemplo: pelo sistema histórico, político, econômico e cultural brasileiro que carece de uma maior abertura às novas tecnologias, pelo sistema de educação elitista e totalitário do qual ainda hoje somos escravos, pela falta de conhecimentos de outras línguas, especialmente o francês e o inglês. Essas limitações foram as que mais dificultaram o acesso rápido a Pierre Lévy que já é por si só não simples.

O presente trabalho se preocupou, especialmente, em apresentar e fundamentar, e de maneira introdutória, o pensamento de inteligência coletiva de Pierre Lévy e não se estendeu para as aplicações da inteligência coletiva. Mas, não tira o mérito de que cada aplicação seja na política (*ciberdemocracia*), quanto na

educação (*cibercultura*), há um universo para ser conhecido e estudado no pensamento de Pierre Lévy.

Dizer que este trabalho apresentou todo o pensamento de inteligência coletiva em Pierre Lévy seria um ato de muita prepotência e ignorância, além de tudo, não era esse o seu objetivo. Este trabalho não se finalizou e na verdade, nem pode ser finalizado aqui. Aqui não é o fim, mas sim, o começo de um caminho, de uma aventura, que certamente irá ser continuada com estudos posteriores, eis um dos motivos dele ser denominado de introdução. Mas, a razão principal deste trabalho ser denominado de introdução, é pelo fato de que o pensamento de inteligência coletiva em Pierre Lévy não é um pensamento acabado e por mais conteúdo que este trabalho viesse a apresentar, ainda assim, não esgotaria a proposta de Pierre Lévy, pois na verdade, ela não é uma proposta terminada, ela não foi finalizada, mas sim o contrário, isto é, a inteligência coletiva de Lévy está viva, está em curso, está aberta.

Para compreender melhor, neste exato momento, no Laboratório de Inteligência Coletiva da Universidade de Ottawa em Quebec no Canadá, desde 2002, Pierre Lévy está trabalhando, reforçando, complementando, e aprimorando o seu próprio pensamento e seus possíveis sistemas de aplicações. Devido ao fato, quem teria o direito de concluir um pensamento que ainda não está concluído? Por isso, *Introdução ao Pensamento de Inteligência Coletiva de Pierre Lévy* é o nome mais apropriado e seguro para este pequeno trabalho. E agora, ao término desta introdução, aumenta mais a certeza da pequenez deste trabalho diante da vastidão que abriga este tema, e da sua importância para desenvolvimento humano. O mundo está mudando e necessita ser conhecido.

ANEXOS

Anexo 01

Quadro sintético da Terra (70000 a.C.)

TERRA

Identidade	<i>Relação com o cosmo; “Microcosmo”, Filiação; Aliança.</i>
Semiótica	<i>Presença; Participações recíprocas dos signos, das coisas e dos seres; Correspondências.</i>
Figura de espaço	<i>Trilhas; Espaços - Memórias</i>
Figura de tempo	<i>Imemorial</i>
Instrumentos de Navegação	<i>Relatos; Algoritmos; Portulanos.</i>
Objetos	<i>Devires-começos; Rituais.</i>
Sujeitos	<i>Os anciãos.</i>
Suportes	<i>A comunidade tomada como um só corpo.</i>
Epistemologias	<i>Empirismo; Fenomenologia.</i>

Anexo 02

Quadro sintético do Território (3000 a.C.)

TERRITÓRIO	
Identidade	<i>Relação com o Território; “Micrópole”;</i>

	<i>Propriedade; Endereço.</i>
Semiótica	<i>Ausência; Corte e articulação entre signo, a coisa e o ser; Representações.</i>
Figura de espaço	<i>Clausuras; Fundações.</i>
Figura de tempo	<i>História; Tempo lento, diferido, engendrado pelas operações de clausura e fundação.</i>
Instrumentos de Navegação	<i>Projeção de um céu sobre uma Terra; Sistemas; Mapas.</i>
Objetos	<i>A Terra com suas marcações, geometrias.</i>
Sujeitos	<i>Especialistas; Interpretes.</i>
Suportes	<i>O Livro (Bíblia, Alcorão); Os clássicos (Aristóteles, Confúcio...).</i>
Epistemologias	<i>Dialética: teoria e a experiência; Racional e o empírico; Transcendente e o fenômeno; O céu e a terra .</i>

Anexo 03

Quadro sintético da Mercadoria (+/- 1750)

MERCADORIA	
Identidade	<i>Relação com a produção e as trocas;</i>

	<i>“Pequena casa”; Profissão; Emprego.</i>
Semiótica	<i>Ilusão; Desconexão entre o signo, a coisa e o ser; Propagações.</i>
Figura de espaço	<i>Redes; Circuitos; Urbanos.</i>
Figura de tempo	<i>Tempo real; Tempo abstrato e uniforme dos relógios.</i>
Instrumentos de Navegação	<i>Estatísticas; Probabilidades.</i>
Objetos	<i>Fluxos; Fogos; Massa; Objetos das “ciências humanas”.</i>
Sujeitos	<i>Os eruditos.</i>
Suportes	<i>Da biblioteca ao hipertexto.</i>
Epistemologias	<i>Teoria da ação e das redes (operatividade, tecnociência); Teoria do relato (modelizações, simulações, cenários); Teoria da arte (inteligências artificiais, vidas artificiais).</i>

Anexo 04

Quadro sintético do Saber (2000?)

SABER	
Identidade	<i>Relação com o saber em toda a sua</i>

	<i>diversidade; “Policosmo”; Identidade distribuída e nômade, em oposição às identidades de pertença; Identidade quântica.</i>
Semiótica	<i>Produtividade semiótica; Envolvimento dos seres nos mundos de significação; Mutações.</i>
Figura de espaço	<i>Espaços metamórficos surgindo de deveres coletivos.</i>
Figura de tempo	<i>Reapropriação das temporalidades subjetivas; Ajuste e coordenação dos ritmos.</i>
Instrumentos de Navegação	<i>Mundos virtuais; Cinemapas.</i>
Objetos	<i>Significação; Liberdade; configurações dinâmicas de coletivos, sujeitos, objetos, linguagens; Recomeço do devir do intelectual coletivo.</i>
Sujeitos	<i>Os coletivos inteligentes; A humanidade.</i>
Suportes	<i>A cosmopédia.</i>
Epistemologias	<i>Prática social do saber como <u>continuum</u> vivo em constante metamorfose; Construção do ser pelo conhecer; Filosofia da implicação (objetos e sujeitos).</i>

REFERÊNCIAS

I. Obras do autor

AUTHIER, M., LÉVY, P. *As árvores de conhecimentos*. Tradução de Mônica M. Seincmam. São Paulo: Editora Escuta, 1995.

LÉVY, PIERRE. *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?*. Tradução de Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 2. ed. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999 B.

_____. *O que é virtual?*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

II. Sobre o autor (obra)

PELLANDA, N. M. C., PELLANDA, E. C. (Org). *Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

ZWARG, Cláudia Durand. *O virtual e o humano no pensamento de Pierre Lévy*. 090 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Coordenação de Pós-Graduação em Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2005.

III. Sobre o autor (virtual)

<http://br.groups.yahoo.com/group/transconhecimento/message/457?viscont=100>, acessado em: 21 de outubro de 2006 às 09:05 h.

http://pt.wikipedia.org/wiki/pierre_L%C3%A9vy, acessado em: 16 de outubro de 2006 às 19:48 h.

<http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/perfil/dquatedicao/identidade1.htm>, acessado em: 16 de outubro de 2006, às 23:30 h.

<http://www.caosmose.net/pierrelevy/bio.html>, acessado em: 16 de outubro de 2006 às 20:02 h.

<http://www.compsociedade.hpg.ig.com.br/pierrelevy/mutacao.html>, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 14:55 h.

http://www.lainsignia.org/2002/noviembre/cyt_008.htm, acessado em: 24 de outubro de 2006 às 21:12 h.

<http://www.novae.inf.br/exclusivas/pierrelevy.htm>, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 15:08 h.

IV. Entrevista com o autor (obra)

COSTA, Rogério da. *Limiares do contemporâneo*. Entrevistas: Jacques Derrida; Toni Negri; Pierre Lévy; Francisco Varela. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

PESSIS-PASTEERNAK, Guitta. *Do caos à inteligência artificial: quando os cientistas se interrogam*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: UESP, 1993.

V. Entrevistas com o autor (virtual)

http://novaescola.abril.com.br/index.htm?ed/164_ago03/html/falamestre, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 14:45 h.

http://www.saplei.eesc.usp.br/sap5865/leitura_semanal/PIERRE%20LEVY_tecnologia.htm, acessado em: 22 de outubro de 2006 às 15:59 h.

<http://www.urisan.tche.br/~dfrancis/levy.htm>, acessado em: 21 de outubro de 2006 às 09:37 h.

VI. Geral (obras)

BÍBLIA *de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2000.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2004.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates – Banquete*. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 62.

SANTOS, Gildásio Mendes. *A realidade do virtual*. Campo Grande: UCDB, 2001.

VII. Geral (virtual)

<http://archives.cicv.fr/TB/ARISTES/darcia.html>

http://www.planetwork.net/2000conf/presenters/levy_p.html, acessado em: 21 de outubro de 2006 às 10:11 h. e traduzido pelo site <http://babelfish.altavista.com/babelfish/tr>.

<http://www.centrepopimdou.fr/popimdou/communication.nsf/0/88D31BDB4FE7AB60C1256D970053FA6F?OpenDocument&sessionM=9.1&L=3>

VIII. Em DVD

LÉVY, PIERRE. *Desenvolvimento humano e unidade das ciências*. São Paulo: Rede cultura de televisão (Coleção: Universo do conhecimento – Planeta Terra: um olhar transdisciplinar). Data: 19 de setembro de 2005. Em DVD 2006.

_____. *Roda viva: o Brasil passa por aqui*. São Paulo: Rede cultura de televisão, 2001. Em DVD 2001.